A Liahona

34/10 OUTUBRO 1981

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Parker
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche

EDITOR:
M. Russell Ballard

EXECUTIVO DO «INTERNACIONAL MAGAZINE»:
Larry Hiller, Editor Gerente;
David Mitchel, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, desenhista;
Norman Price, produção.

EXECUTIVO DE «A LIAHONA»:
Danilo Talanskas, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da Costa Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

A Liahona

Outubro de 1981
PBMA0609PO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1. Mensagem da Primeira Presidência **"Ele a Fez (a Obra) de Todo Seu Coração e Foi Bem Sucedido."** Presidente Spencer W. Kimball.
7. **Irmão Braden - Nosso Grande Mestre Familiar,** Sharon Elwell.
10. **Fortalecer os Membros Menos Ativos,** Élder A. Theodore Tuttle.
19. **A Jornada Mais Importante,** E. Dale LeBaron.
22. **Perguntas e Respostas,** William E. Berret.
26. **O Pequeno Livro,** Jacque Felshaw.
28. **No Furor da Tempestade,** Keith Brown, conforme relato feito a Sharon Brown.
34. **Descobri a Veracidade do Sacerdócio,** A. Hamer Reiser.
36. **Confissão,** Bispo J. Richard Clarke.

SEÇÃO INFANTIL

I ACONTECEU EM PAROWAN, Olive W. Burt.
V GÊMEOS, Lynn Titleman.
VI DE UM AMIGO PARA OUTRO, Joleen Meredith.

NOTÍCIAS LOCAIS

I Uma Missão Diferente
II O Milagre Brasileiro
IV O Casal Atanes Retorna de Missão em Terras Lusitanas
V Seminário Regional de Comunicações Públicas
VI A Poetisa da Fraternidade
VIII Noite Lírico - Cultural
IX Jovens Missionários do Ramo do Cabula
X Um Exemplo a Ser Seguido
XI Meu Testemunho
XII Bênção Patriarcal / Carta de Um Pai
XIV Reflexões de Um Missionário
XV O Senhor me Alertou
XVI A Inflação Obriga a Esticar o Orçamento

Nossa capa: **"A Oferta da Viúva"**, de uma série de ilustrações da Bíblia, pintada no início do século vinte pelo pintor inglês Frank Adams. Essa série é agora propriedade de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151 P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal* 26023, *São Paulo, SP*. Preço da assinatura anual para o Brasil: *Cr$ 100,00* para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: *Cr$ 10,00*. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

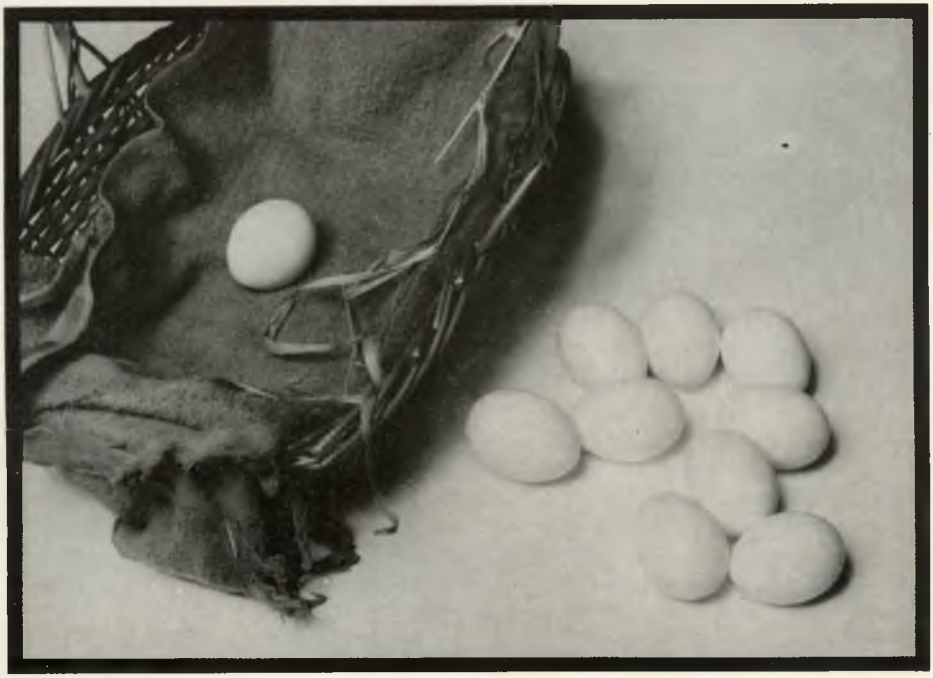
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9.11.1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

"Ele a Fez (a obra) de Todo Seu Coração e Foi Bem Sucedido"

Presidente Spencer W. Kimball

Nesta época turbulenta de pressão e instabilidade econômica, temos de lembrar-nos forçosamente, como pessoas e como Igreja, de que o Senhor nos deu uma lei financeira espiritual, a qual, se for plenamente guardada, nos proporcionará bênçãos de tamanha magnitude, "que não haverá lugar suficiente para receber" (3 Néfi 24:10).

Refiro-me à lei do dízimo, que pode ser nossa maior bênção e segurança, nossa maior certeza de assistência divina. Sempre me impressionou que, de todos os ensinamentos dos profetas do Velho Testamento que o Senhor poderia ter dado aos nefitas, quando os visitou, tenha escolhido justamente a alentadora promessa relativa ao dízimo:



"E aconteceu que (Jesus) ordenou que fossem escritas as palavras que o Pai havia comunicado a Malaquias, as quais seriam por ele repetidas. Assim disse o Pai a Malaquias... Por acaso roubará o homem a Deus? Não obstante, vós me haveis roubado. Mas dizeis vós: Em que te havemos roubado? Nos dízimos e nas ofertas.

"Malditos sois com maldição, porque vós, toda a nação, me haveis roubado.

"Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento em minha casa, e depois disto, fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu vos não abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal que não haverá lugar suficiente para receber.

"E repreeenderei, por vossa causa, o devorador; e ele não destruirá o fruto de vossa terra; nem vossa videira produzirá antes da estação seu fruto nos campos, diz o Senhor dos Exércitos.

"E todas as nações vos chamarão bem-aventurados." (3 Néfi 24:1, 8-12.)

Quem, nesta época tão carente, não precisa dessas bênçãos que o Senhor prometeu?

Um outro povo certa vez se encontrava numa situação bastante difícil, o do reino de Judá. Eles haviam suportado a grande iniqüidade do Rei Acaz; haviam sofrido reveses econômicos e políticos nas mãos dos assírios e filisteus. Porém, quando o jovem Rei Ezequias começou a reinar, "ele fez aquilo que era justo aos olhos do Senhor" (2 Crô. 29:2). Assim, o coração e o pensamento do povo novamente se voltaram para os ensinamentos das escrituras, e começaram outra vez a guardar os mandamentos. A história do que aconteceu logo em seguida é outro testemunho de como o Senhor cumpre suas promessas:

"Logo que esta ordem se divulgou, os filhos de Israel trouxeram em abundância as primícias do trigo, mosto, azeite, mel e todo produto do campo; também trouxeram em abundância o dízimo de tudo.

"Também trouxeram o dízimo de bois e ovelhas, e o dízimo das coisas dedicadas que foram consagradas ao Senhor seu Deus, e depositaram-nos em montões.

"Vindo, pois, Ezequias e os príncipes, e vendo aqueles montões, bendisseram ao Senhor e a seu povo Israel.

"Então perguntou Ezequias aos sacerdotes e aos levitas acerca daqueles montões.

"Respondeu-lhes Azarias, o sumo sacerdote, que era da casa de Zadoque, dizendo: Desde que o povo começou a trazer as ofertas para a casa do Senhor, tem havido o que comer e de que se fartar, e ainda nos tem sobejado bastante, porque o Senhor abençoou o seu povo; e os sobejos constituem sua abastança...

"Assim fez Ezequias em todo o Judá; e fez o que era bom, e reto, e fiel perante o Senhor seu Deus.

"E toda obra que empreendeu no serviço da casa de Deus, e de acordo com a lei e os mandamentos, para buscar a seu Deus, ele a fez de todo o coração e foi bem sucedido." (2 Crônicas 31:5-6, 8-10, 20-21.)

O Senhor fez Judá prosperar em suas épocas mais difíceis, pois realmente acontece como diz em Salmos: "Do Senhor é a terra e a sua plenitude" (Salmos 24:11).

Nos últimos dias, o Senhor disse

que, se os santos guardassem os mandamentos e trouxessem suas ofertas "que a plenitude da terra é vossa, as feras do campo e as aves do céu... sim, e a erva e as coisas boas que provêm da terra... feitas para o benefício e uso do homem." (D&C 59:12, 16, 18.)

Os profetas de todas as dispensações ensinaram claramente que a lei do dízimo foi dada para a bênção e proteção do povo do Senhor. E assim podemos ler estas palavras dadas ao povo de nossa época:

"Na verdade, assim diz o Senhor, exijo... que todos os que tiverem pago seu dízimo, pagarão um décimo de todos os seus juros anuais; e isto lhes será uma lei perpétua, e para o meu santo sacerdócio, para sempre, diz o Senhor...

"E digo-vos, se meu povo não observar esta lei, para conservá-la sagrada, e por ela não santificar a mim a terra de Sião, para que nela se guardem os meus estatutos e os meus dízimos, a fim de que seja mais sagrada, eis que na verdade vos digo que ela não será terra de Sião.

"E isto servirá de modelo para todas as estacas de Sião. Assim seja. Amém." (D&C 119:1, 4, 6-7.)

Nesta escritura, o Senhor deixa claro que o dízimo é lei dele, cujo cumprimento requer de todos seus seguidores. Ela foi instituida para nossa honra e privilégio, nossa segurança e promessa, e é uma grande bênção poder viver esta lei de Deus. Deixar de cumprir tal obrigação é negar a si próprio as promessas que ele nos fez, e ser negligentes numa coisa de maior valor. É uma transgressão, não apenas uma falta inconseqüente.

Sim, é preciso ter muita fé para pagar o dízimo, quando são parcos os recursos e tão grandes as necessidades. Mas devemos lembrar-nos da promessa que nosso Pai Celestial fez a Malaquias. Lembremo-nos também da promessa que ele fez em nossos próprios dias: "Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que eu digo; mas, quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma." (D&C 82:10.)

Estes princípios devem ser ensinados com regularidade e testemunho vivo pelos pais a seus filhos. A ocasião mais apropriada para ensinar essas lições reais da vida é quando os filhos ainda são pequenos. A criança é receptiva, doutrinável e aceitará as sugestões de seus pais.

Isto me traz à memória o tempo em que eu era menino. Certa vez eu ia com minha mãe por uma estrada poeirenta que levava ao armazém do bispo, uma época em que freqüentemente se pagava o dízimo com animais e gêneros em espécie. Enquanto seguia ao lado dela, perguntei-lhe: — Por que levamos os ovos ao bispo? — Ela respondeu: — Por que são os dízimos dos ovos que colhemos, e o bispo os recebe em nome do Pai Celestial. — Minha mãe então me contou que todas as noites, ao recolher os ovos, ela colocava o primeiro numa cestinha e os nove seguintes noutra maior. A primeira lição que aprendi a respeito da lei do dízimo foi com minha adorada mãe.

Na parte oeste do terreno de nossa casa havia uma pequena horta, e um trecho dela era plantado de batatas. Certo dia meu pai disse a minha irmã e a mim: — Temos mais batatas do que necessitamos. Se vocês quiserem,

podem vender algumas delas. — Alice e eu fomos colhê-las e as vendemos ao hotel da cidade. Quando mostramos o dinheiro a papai, ele perguntou-nos o que íamos fazer com ele. Dissemos-lhes que o repartiríamos entre nós, antes de comprar as coisas de que precisávamos. Então ele perguntou: E o dízimo? O Senhor foi bom para nós. Plantamos, cultivamos e colhemos, mas a terra pertence ao Senhor. Ele enviou as chuvas e os raios do sol. Costumamos dar um décimo de tudo ao Senhor, que é sua parte. — Meu pai não fez exigência alguma; simplesmente explicou o princípio de maneira tão convincente, que julgamos uma honra e privilégio pagar o dízimo.

Já contei certa vez a experiência que tive com um amigo que me levou para conhecer sua fazenda. Ao abrir a porta de seu luxuoso automóvel novo, ele sentou-se à direção, e disse orgulhosamente: — Que acha do meu novo carro? — Rodamos confortavelmente pelas áreas rurais e finalmente chegamos a sua casa, lindamente decorada, onde ele me disse com uma ponta de orgulho: Este é meu lar.

Seguimos depois para uma colina relvada. O sol já se punha por trás das montanhas distantes. Lá chegando, ele examinou seu vasto domínio e, apontando para o norte, perguntou: Está vendo aquele bosque lá adiante? — Eu podia claramente discerní-lo sob a luz crepuscular.

Depois apontou para o leste: — Está vendo aquele lago cintilando aos últimos raios do sol? — Ele também estava bem visível.

Observe agora aqueles campos na direção sul. — Voltamo-nos para examiná-los à distância. Ali ele identificou estábulos, silos e mais ao oeste, a casa da fazenda. Apontando em todas as direções, ele disse: — Do bosque até o lago, daquelas montanhas até as dependências do rancho e tudo o que existe ao redor é de minha propriedade. E aqueles pontos negros que aparecem na planície são gado, e todo ele me pertence.

Perguntei, então, de quem ele havia adquirido aquelas terras. A série de títulos de propriedade remontava às primeiras concessões feitas pelo governo. Seu advogado havia-lhe assegurado que ele possuía um título de propriedade absolutamente legal sobre elas.

— De quem o governo obteve esta terra? — perguntei. — Quanto pagou por ela? — Veio-me, então, à mente, a declaração do Salmista, destemidamente reiterada por Paulo: "Pois do Senhor é a terra e a sua plenitude." (I Cor. 10:26.)

Perguntei ainda: — O título de propriedade foi passado por Deus, o Criador da terra e seu legítimo proprietário? Ele foi devidamente pago? Esta terra foi vendida, emprestada ou doada a você? Se é uma doação, de quem a recebeu? Se foi uma venda, com que espécie de moeda foi comprada? Se foi um empréstimo, você costuma fazer a divisão dos lucros?

E depois perguntei: — Quanto pagou por ela? Que valores deu em pagamento?

— Com dinheiro! — respondeu ele.

— Onde obteve esse dinheiro?

— De meu labor, de meu suor, trabalho e energia.

Perguntei então: — De onde obteve a energia para viver, o vigor para

trabalhar, as glândulas para suar?

Ele disse que foi do alimento.

— De onde veio a comida?

— Do sol e da atmosfera, do solo e da água.

— E de onde surgiram esses elementos?

Citei então o Salmista:

"Tu, ó Deus, mandaste copiosa chuva, restauraste a tua herança, quando estava cansada." (Salmos 68:8-9.)

— Se a terra não lhe pertence, você faz uma prestação honesta de contas ao seu proprietário das abundantes colheitas que obteve? As escrituras dizem: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus." (Veja Mateus 22:21). Que percentual de sua renda você paga a César? E que porcentagem entrega a Deus?

— Você crê na Bíblia? Aceita o mandamento que o Senhor deu através do Profeta Malaquias? Considera verdadeiras as palavras que Moisés disse ao faraó, que "a terra pertence ao Senhor"? (Êxodo 9:29.)

E disse ainda: — Nunca encontrei nenhuma passagem de escritura que dissesse que Deus declarou: "Eu vos dei o direito de usar esta propriedade incondicionalmente."

— Não consigo encontrar tal escritura, mas sei desta que se encontra no livro de Salmos:

— "Aqueles que esperam no Senhor herdarão a terra." (Salmos 37:9.)

— Lembro-me também de que nosso Criador, no grande conselho dos céus, fez um convênio com todos nós: "Desceremos, pois há espaço lá, e tomaremos destes materiais e faremos uma terra onde estes possam morar." (Abraão 3:24.)

— Isto me parece mais um arrendamento sujeito ao pagamento de aluguel, que apenas uma simples cessão de propriedade.

— Esta passagem não parece transmitir o título de propriedade da terra, mas apenas o direito de usufruto concedido aos homens sob a condição de que vivam todos os mandamentos de Deus.

Meu amigo, porém, continuava a murmurar: — É minha, é minha! — como para convencer-se e fugir da dura realidade, de que na melhor das hipóteses ele era apenas um arrendatário.

Isso aconteceu há muitos anos. Da última vez que o encontrei, ele estava em seu leito de morte, entre o rico mobiliário de sua luxuosa casa. Ele possuíra um vasto império. Fui eu quem fechou seus olhos. Falei em seu funeral e segui o cortejo fúnebre até o belo pedaço da terra que ele reservara para sua sepultura, uma pequena área retangular do tamanho de uma pessoa, da largura de um homem corpulento.

Posteriormente, voltei a visitar aquela mesma propriedade. Em seus campos férteis, de um lado ondulava o trigo dourado, e noutro a verde alfafa e o branco algodão cresciam, aparentemente esquecidos daquele homem que se dizia dono deles.

Meus queridos irmãos e irmãs, testifico a todos vós que o dízimo é de fato uma grande bênção, uma lei criada para nosso benefício. Reunamo-nos com nossos familiares e leiamos juntos, novamente, a promessa que o Senhor fez, testificando que ela proveio do Pai, uma promessa sem a qual não poderemos viver: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento em minha casa, e

depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu vos não abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós tal bênção, que dela vos advenha a maior abastança." (Mal. 3:10.)

Que seja esta a nossa senha: "Porém eu e minha casa serviremos ao Senhor" (Josué 24:15.)

Se assim fizerdes, e cumprirdes os mandamentos de todo vosso coração como fez Ezequias, o Senhor vos guiará através das épocas difíceis de vossa vida, e vê-lo-emos gratamente agir em nosso favor, o que nos levará a lhe dedicar o mais profundo amor e apreciação por sua grande bondade e misericórdia. Ele é nosso Senhor e motivo de nossa força. Se formos dignos, ele estará conosco nos momentos de necessidade. Tenho plena convicção disso.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Conte uma experiência pessoal a respeito das bênçãos decorrentes do pagamento do dízimo. Peça aos membros da família que compartilhem o que sentem a respeito das experiências que tiveram concernentes ao assunto.

2. Este artigo contém alguns versículos das escrituras que a família poderia ler em voz alta, ou alguns versículos que gostaria de ler junto com ela?

3. O Presidente Kimball indica que o dízimo é tanto uma lei espiritual como econômica. Converse com a família a respeito de algumas bênçãos espirituais ligadas ao pagamento do dízimo.

4. Peça sugestões sobre o que fazer para que o pagamento do dízimo se torne um hábito em nossa vida.

5. Este debate surtiria melhor efeito se antes de realizá-lo você tivesse uma pequena conversa com o chefe da família? Existe alguma mensagem referente ao dízimo, que o líder do quorum ou o bispo gostaria de transmitir-lhe?

O SONHO

Esta noite sonhei que caminhava pela praia, acompanhado do Senhor, e na tela da noite estavam sendo retratados todos os meus dias.
Olhei para trás e vi que a cada dia que passava o filme de minha vida, surgiam pegadas na areia: u'a minha e uma do Senhor.
Assim continuamos andando até que meus dias terminaram.
Parei e olhei para trás.
Reparei que em certos lugares havia apenas uma pegada.
E esses lugares coincidiam justamente com os dias mais difíceis de minha vida.
Os dias de maior angústia, de maior medo e dor...
Perguntei ao Senhor:
— Disseste que estarias comigo todos os dias de minha vida e aceitei viver contigo.
Mas por que me deixaste nos piores dias de minha vida?
E o Senhor me respondeu:
"Meu filho, Eu te amo.
Disse que estaria contigo e que não te deixaria um minuto sequer.
E não te deixei.
Os dias em que viste apenas uma pegada na areia foram os dias em que te carreguei."

autor desconhecido

Eu estava no hospital, esperando ser operada no dia seguinte, quando meu marido veio fazer-me uma visitinha depois de sair do trabalho. Ele me disse que Jackie, nossa babá predileta, tinha levado nossas três meninas ao piquenique da ala junto com sua família. Cinco minutos depois, o pai dela veio ver-me e nos disse que nossa filha mais nova havia caído da gangorra quando brincava, e estava lá embaixo, na sala de emergência, com um corte no queixo, que

Sharon Elwell

Irmão Braden, Nosso

Grande Mestre Familiar

precisava ser suturado.

Enquanto isso, no piquenique, nossa filha de seis anos de idade olhou a seu redor e, de repente, deu-se conta de que a maior parte dos membros de sua família não se encontravam lá. A única irmã que restava estava brincando com suas colegas da Escola Dominical. Ela desconhecia aquele lugar, e a cada momento que passava, escurecia cada vez mais. Sua cabecinha encheu-se de toda sorte de suposições, e subitamente seus gritos ecoavam por toda parte. Ela sabia exatamente a quem podia apelar:
— Quero meu mestre familiar! Dentro de poucos instantes, ela estava acolhedoramente aninhada nos braços do Irmão Braden, e seus temores haviam passado.

Estou certa de que existem muitos mestres familiares semelhantes ao nosso, mas, embora sua maneira de tratar-nos seja singular, os resultados que ele costuma obter são um exemplo para todos aqueles que desejam ser mestres familiares ou professoras visitantes eficientes. Todas as famílias que estão sob seus cuidados consideram-no seu melhor amigo, a primeira pessoa sempre pronta a auxiliá-los ou a quem podem recorrer no meio da noite, em caso de emergência.

Qual é o segredo do Irmão Braden? Em que momento, de todos os meses de serviço que prestou às famílias, deixamos normalmente de dizer: "Sim, aqui estamos todos bem!" e passamos a pedir: "Estamos preocupados com uma de nossas filhas. Gostaríamos de que você conversasse um pouco com ela."?

Talvez tudo tenha começado numa das muitas noites em que a Irmã Finley, confinada ao leito com fortes dores nas costas e na iminência de passar uma noite dolorosa e interminável, telefonou-lhe, pedindo que lhe desse uma bênção. Dentro de alguns minutos, ele estava lá.

Para nossa família, talvez tenha começado na noite em que John, meu marido, estava trabalhando até tarde. Nossa filha, Katie, subitamente ficou com febre após o jantar e jazia inerte no sofá, gemendo e passando mal. Naquele momento, o Irmão Braden bateu à porta. Minha filha arrastou-se para seu colo logo que ele se sentou ao lado dela, e com um olhar de profundo alívio, adormeceu. Por mais que tentasse, não consegui persuadi-lo a levá-la para a cama e ir para casa. Em vez disso, ele ficou ali imóvel, temendo perturbá-la, até que o pai chegou para assumir seu lugar. Ofereceu-se, então, para ir até a farmácia comprar algum medicamento para ela. Mais tarde, naquela mesma noite, e novamente no dia seguinte, Katie recebeu telefonemas do "meu mestre familiar", querendo saber como estava passando.

Outra coisa que provavelmente fez muita diferença é que o Irmão Braden nunca nos visitava apressadamente. Ele jamais nos "catava" na saída das reuniões da Igreja, para perguntar se estávamos bem, e riscar nossa família de sua lista de responsabilidades. Ele não somente vinha

Ela sabia exatamente a quem podia apelar: — Quero meu mestre familiar! — Dentro de poucos instantes, ela estava... nos braços do Irmão Braden, e seus temores haviam passado.

ver-nos, como também conversava abertamente conosco. Ele nunca demonstrou que estava com pressa de sair para tratar de compromissos mais importantes. *Nós* éramos a sua designação mais importante, e ele nos fazia sentir isso.

O método de ensino do Irmão Braden é deveras singular. Tendo nascido no Estado do Tennessee, ele está cheio de histórias a respeito de melancias em noites de luar e de hilariantes aventuras de marinheiros, da época em que ele serviu na Marinha. Para ele, sair de nossa casa após uma rápida verificação, sem ao menos contar uma boa história, seria uma terrível decepção. Sua disposição de compartilhar seu tempo é uma evidência de seu comprometimento para conosco.

Tenho certeza de que não existe ninguém que tenha maior entusiasmo que ele. Uma de suas maiores proezas é colocar todas as nossas três meninas de uma só vez no colo, façanha que tentei repetir uma ou duas vezes em momentos de crise, mas nunca consegui. Ele é capaz de deixar as crianças pentearem seus cabelos durante muito tempo, sem se zangar ou aborrecer-se. O Irmão Braden é um homem meticuloso. Vê-lo com seus cabelos brancos emaranhados depois de haver brincado com as crianças é uma sólida evidência de que é um homem dotado de personalidade celestial.

Ele não somente demonstra ter amor e interesse genuínos pelas pessoas, mas também deixa claro que seu interesse é *natural,* resultante do chamado que recebeu de nos servir. Se algum de nós aniversaria, sabemos que virá visitar-nos para nos cumprimentar. Em cada festividade especial do ano, ele traz alguma lembrança para as crianças, com um cartão, dizendo: "... com amor de seu mestre familiar." Dessa maneira, ele ensina nossas filhas que cuidar dos outros faz parte da responsabilidade que temos perante nosso Pai Celestial.

O envolvimento do Irmão Braden em importantes eventos familiares não acontece simplesmente porque *ele* quer envolver-se. Durante a reunião de jejum e testemunho, quando nossa filha mais velha, Jane, ia ser confirmada, ela procurou incansavelmente encontrá-lo no meio da congregação, e não sossegou - mesmo estando entre seus familiares - enquanto não o viu chegar, atrasado porque vinha de outra reunião, e sentar-se perto da porta dos fundos. Ela sabia que ele tinha com certeza adiado outros compromissos para estar junto dela naquele momento importante, e que o fazia com satisfação. Quando foi chamado o nome de Jane, ela dirigiu-se até onde estava o Irmão Braden e os dois encaminharam-se de mãos dadas até o círculo onde ela seria confirmada, para compartilhar com ele de um dos eventos mais importantes de sua vida.

Como entendemos rápida e claramente os conceitos celestiais, quando eles nos são demonstrados "ao vivo"! No livro que o Irmão Braden deu a Jane em seu oitavo aniversário, ele escreveu os princípios essenciais do batismo e serviço. A última sentença da dedicatória dizia: "Teu Pai Celestial te ama e deseja que sejas feliz. Com o amor do teu mestre familiar, Irmão Braden." Quão mais fácil fica nossos filhos sentirem o amor de seu Pai Celestial, quando aprenderam a externar seus próprios sentimentos de amor e confiança por outra pessoa fora do seu círculo familiar imediato.

Eu gostaria de ser como o Irmão Braden no cumprimento de minha função de professora visitante - não porque alguém proferiu um belo discurso a respeito do assunto, ou fez com que me conscientizasse de minha responsabilidade; nem mesmo porque os nossos índices de visita da Sociedade de Socorro estão muito baixos, mas porque uma pessoa que entendia verdadeiramente sua posição demonstrou o grande potencial de serviço inerente a seu chamado.

Fortalecer os Membros Menos Ativos

Élder A. Theodore Tuttle

A reativação é a chave principal do sucesso de todos os outros empreendimentos da Igreja. Através de estudos que fizemos, chegamos à conclusão de que o percentual de portadores do Sacerdócio de Melquisedeque ativos de uma ala é o melhor prognóstico do seu sucesso. Considerando que o poder do exemplo dos pais é mais importante que qualquer outro fator para incentivar os filhos a alcançarem metas espirituais, temos que pôr fim aos ciclos de inatividade, através da prevenção e reativação.

O ensino familiar é o meio pelo qual as pessoas são reativadas na Igreja. Nenhum programa ou organização será inventado para substituí-lo.

Nas instruções da Igreja, o ensino familiar jamais foi limitado a uma única visita mensal. Provavelmente seria correto os membros ativos serem visitados até o último dia de cada mês, porém só acidentalmente alguém será reativado dessa maneira.

Para que isso aconteça, precisamos de uma ampliação do ensino familiar - do ensino familiar ideal.

Por que todo mestre familiar deve ser usado no programa de reativação, quando é sabido que entre eles temos alguns bons e outros maus? Porque o Senhor os autorizou a trabalhar nesse chamado. (Ver D&C 20:53-55.) Existe uma grande diferença entre ser *enviado* ou meramente *ir* fazer o ensino familiar.

O Presidente Marion G. Romney declarou: "Somos individualmente responsáveis pelo cumprimento dos convênios e prestaremos contas deles; prestaremos contas também dos convênios violados por outros, pelos quais somos responsáveis, se o fracasso for acarretado pela falha em não ensiná-los." ("De Acordo com os Convênios," *A Liahona,* fevereiro de 1976, p. 64.)

O Salvador nos ensinou um princípio que ainda não foi adotado de maneira geral. Ele perguntou: "Qual de vós é o homem que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto, e não vai após a perdida até que a encontre?" (Lucas 15:4.) Devemos dedicar mais atenção aos membros inativos que aos ativos.

Identificar

É simples verificar quais são as pessoas inativas; porém, para reativá-las, precisamos identificar aquelas que se mostram mais receptivas e trabalhar primeiramente com elas.

Um dos maiores exemplos desse conceito nos foi dado por um personagem do Livro de Mórmon. Em Alma 10:5, Amuleque identificou a si próprio como membro inativo da igreja, dizendo: "Nunca tive muito conhecimento acerca dos caminhos do Senhor, de seus mistérios e maravilhoso poder." Este é o grande

problema. Freqüentemente o membro inativo jamais aprendeu o evangelho.

"Fui chamado muitas vezes", continuou ele, "e não quis ouvir; portanto, eu sabia a respeito dessas coisas, *embora não o quisesse saber.*" (Versículos 5-6; grifo nosso.)

Isto sugere que os mestres familiares, os pais e outras pessoas devem ter falado com ele, tentando reativá-lo, porém, mesmo sabendo que eles estavam com a razão, Amuleque endureceu seu coração e não queria ceder.

Ele disse que era um homem de alguma reputação em sua comunidade e que havia adquirido muitas riquezas por meio de seu labor.

Então, aqui temos um homem bom e trabalhador que realmente não entende o evangelho, mas que tem sentido, através dos anos, que deve ser novamente ativo. Ele tem resistido a essa influência, mesmo sabendo que *deve* voltar.

O Senhor conhecia muito bem os sentimentos de Amuleque, por isso enviou Alma para ensinar e reativar aquele homem. Amuleque estava preparado; tudo o que Alma precisou fazer foi procurá-lo - e o que aconteceu depois vocês já sabem (veja Alma 8:14-22; 10:7-9.)

Todas as alas têm muitos Amuleques - indivíduos bons e honestos. Homens que sentem que devem voltar, mas não sabem como. Homens que estão cansados de ser inativos na Igreja. Pessoas que desejam desfrutar de uma vida melhor. Entre eles existem até mesmo bons pais. Alguns deles são líderes cívicos. A maior parte dessas pessoas são santos dos últimos dias que não possuem conhecimento ou testemunho. Porém, todos eles têm uma coisa em comum - não são líderes espirituais dentro do lar.

Quando homens possuidores de fé visitarem esses irmãos e se tornarem seus amigos, os amarem e lhes ensinarem o evangelho, eles e suas famílias voltarão para a Igreja.

Prevenir a inatividade

Existem basicamente duas maneiras de resolver o problema da inatividade: a prevenção e a reativação. Ambos os processos precisam ser aplicados simultaneamente. O contingente de adultos inativos é constantemente reforçado por jovens inativos. Nosso estudo demonstra que a inatividade começa muito cedo - que os filhos de pais inativos tendem a seguir esse caminho desde a juventude.

Os pais, ativos ou inativos, são responsáveis por seus filhos. Contudo, embora ninguém deva usurpar as prerrogativas dos pais, o bispado tem a função institucional de ajudar a prevenir a inatividade entre os jovens. O que os líderes poderiam fazer nesse sentido?

A experiência também evidencia que tanto o número como o custo das atividades é de importância vital. O fator crítico é a intimidade do relacionamento existente entre os jovens e aqueles que os lideram. Os líderes da juventude devem procurar alcançar os jovens inativos, ser seus companheiros, estar junto deles e suprir suas necessidades especiais.

É necessário fortalecer suas atividades com serviço e um objetivo espiritual, para que todas elas sejam significativas e proveitosas.

Certa presidência de estaca no Missouri foi motivada a entrevistar os jovens da faixa etária de dezoito a

vinte e seis anos. Dos quinze entrevistados, doze estão se preparando para cumprir missão. Talvez existam muitos mais desses jovens espalhados pela Igreja que reagiriam de maneira semelhante, se tivessem oportunidade.

Individualizar o ensino

Encontrar e resgatar pessoas inativas exige adequar a mensagem ao indivíduo. Examinemos, por exemplo, o caso do Irmão Jones. Sempre que os mestres familiares iam visitar sua família, constituida dele, sua esposa e um filho menor, ele apresentava uma idéia contrária à que eles sugeriam. Certa vez, quando uma nova dupla foi visitá-los, eles não se mostraram muito receptivos. Então os mestres familiares acabavam limitando-se a falar sobre as condições climáticas. Isto produziu um bom resultado, pois o Irmão Jones era meteorologista! Era um homem tão inteligente, que sua personalidade intimidava um pouco os mestres familiares. Mas nem por isto eles deixaram de visitá-lo regularmente por diversos meses.

Certo dia, numa entrevista pessoal com o presidente do quorum de élderes, este sugeriu ao mestre familiar que pedisse ao Irmão Jones que deixasse de fumar. O mestre familiar respondeu: — Não quero nem pensar em pedir-lhe isso. O homem ainda não está preparado.

Mas o presidente do quorum insistiu: — Na próxima entrevista, quero que me informe o que ele disse, quando lhe pediu que deixasse de fumar.

Gostaria de observar neste ponto, que a melhor maneira de individualizar o ensino é o presidente do quorum e o mestre familiar debaterem o que poderiam fazer por determinada família. Ambos devem confrontar seus conhecimentos e o que sentem a respeito dela. Então, após orarem a respeito do que o Senhor gostaria de que fizessem, o mestre familiar deve ser *designado* a tomar as medidas que ambos acharam convenientes.

Na próxima vez, o mestre familiar foi visitar o Irmão Jones com mais coragem, pois não estava apenas indo lá, *tinha sido enviado*. Sempre vamos com maior destemor a algum lugar quando somos designados a ir. Esse é um dos objetivos reais da entrevista pessoal do sacerdócio - designar os mestres familiares a fazerem coisas específicas, para que possam ir como pessoa comissionada. Podemos lembrar-nos de quão destemidamente Jacó ensinou, "tendo antes recebido essa missão do Senhor" (Jacó 1:17).

A primeira parte da visita aos Jones transcorreu como de costume, e o mestre familiar começou a ficar um pouco nervoso. Ele sabia o que devia fazer, mas não tinha coragem de dizer o que era necessário. Quando a visita estava prestes a terminar, ele finalmente respirou fundo, orou ao Senhor pedindo que o fortalecesse, e começou a falar:

— Irmão Jones, nossa mensagem de hoje é bastante simples — O Irmão Jones olhou bem nos olhos do mestre familiar, quando este disse:

— Irmão Jones, nossa mensagem de hoje é bastante simples... desejamos que você deixe de fumar... E o motivo pelo qual queremos que faça isso é porque o amamos.

Nossa mensagem de hoje é que desejamos que você deixe de fumar. — Houve alguns minutos de silêncio, e ele continuou: — E o motivo pelo qual queremos que faça isso é porque o amamos.

O tom de sinceridade que havia na voz do mestre familiar, acompanhado da influência do Espírito, fez com que o Irmão Jones sentisse que aquele homem de fato o amava, e por isso fizera o dramático apelo.

O irmão Jones mal podia falar, mas ainda conseguiu dizer: Você não sabe como é difícil deixar de fumar!

O mestre familiar respondeu: — Realmente não sei, mas tenho plena convicção de que você pode e deve fazê-lo. Precisamos de você na Igreja, e a primeira coisa que você tem de fazer para se tornar ativo é deixar de fumar.

A Irmã Jones interrompeu, dizendo: — Meu bem, você pode deixar de fumar. Eu sei que é capaz!

O marido respondeu: — Oh, eu bem que gostaria!

Depois de conversarem mais um pouco, o mestre familiar falou: — Nós queremos que você volte a freqüentar a Igreja.

O Irmão Jones disse: — Não posso fazer isso. Eu nem mesmo sou um membro ativo.

O mestre familiar respondeu: — Você é ativo. Certa vez vi o irmão passeando com seu filho ao redor deste quarteirão, falando-lhe a respeito dos pássaros, das árvores e de muitas outras coisas. Essa é a melhor forma de estar ativo na Igreja - ensinar seus próprios filhos.

Não com rebeldia, mas com uma certa convicção, o Irmão Jones simplesmente respondeu: — Não consigo me dar bem com a religião organizada.

O mestre familiar insistiu: — Acho que você é bem capaz de realizar a noite familiar com sua família. Você poderia fazê-la como nós, mas sem muito método, assim não estaria praticando uma religião organizada. Mas vocês poderiam orar e usar o manual da noite familiar.

Depois disso, todos oraram juntos e os mestres familiares se foram. Certa ocasião, o Irmão Jones disse à filha de um deles: — Seu pai é um dos melhores homens que conheci.

Aquele membro inativo hoje faz parte de um bispado. Contudo, para que isso acontecesse, foi necessário que o ensino suprisse suas necessidades individuais, e a solução chegou-lhe através do mestre familiar, por inspiração do Senhor.

A experiência também nos tem ensinado que é mais sábio fazer a visita em duplas. Ocasionalmente seria bom falar com o chefe da família individualmente; a pressão do tempo e circunstâncias pode tornar proveitoso o contato individual, e alguns conselhos são de tal natureza, que não devem ser dados na presença da esposa e dos filhos do casal.

As pessoas inativas são tão heterogêneas quanto os pacientes de um médico. Alguns precisam apenas que se veja a temperatura e receite um analgésico. Outros sofrem de enfermidades graves e necessitam de cuidado intensivo.

Usar um Método de Abordagem Direta com Certas Pessoas

Nosso método de abordagem missionária é direto. Se assim não fosse, muitas pessoas não se mostrariam receptivas à mensagem de arrependimento. Muitos membros inativos precisam ser tratados pelo

mesmo método.

Provavelmente dez por cento dos homens inativos aceitariam de imediato um chamado para se arrepender, tornar-se élder ou casar no templo. Mas, para isso, precisamos convidá-los.

Uma estaca decidiu usar esse sistema de abordagem direta. Os mestres familiares visitaram quatorze lares e fizeram esta pergunta franca ao chefe da família: — Você gostaria de se tornar um élder? Todos eles responderam que sim. Os mestres familiares disseram: — Pois bem, se é assim, estamos dispostos a ajudá-los.

A Estaca Salt Lake Millcreeck tinha 500 élderes em perspectiva. Uma das Autoridades Gerais disse aos líderes: "Vocês podem reativar dez por cento dessas pessoas com um simples convite." Até então, eles vinham ordenado apenas quatorze élderes por ano. Nos dois meses e meio seguintes, conseguiram preparar quarenta e sete homens para serem ordenados na próxima conferência de estaca. Segundo informação dos líderes eles continuam a ser bem ativos na Igreja. Qual foi a razão do sucesso? Os membros da estaca consideraram que aquele desafio fora inspirado pelo Senhor, e os próprios membros inativos desejavam aperfeiçoar-se.

Idênticas experiências costumam ocorrer na maioria das estacas. A abordagem direta pode produzir ótimos resultados.

Criar um Bom Relacionamento Pessoal (Abordagem Indireta).

Criar um bom relacionamento pessoal significa estabelecer uma comunicação eficiente. Eis como consegui-lo:

Para conquistar a amizade da família inativa, você deve colocar-se no mesmo nível dela. Os assuntos a seguir podem ser apropriados para iniciar a conversa na primeira visita:

"Que time você acha que vai ser o campeão este ano?"

"Não acha que tivemos um bonito verão este ano?"

"Que espécie de inverno você acha que teremos?"

"Onde você nasceu?"

"Qual é sua profissão?"

Entre as costumeiras visitas de mestre familiar, faça freqüentes telefonemas informais. Ocasionalmente é proveitoso ir visitar o chefe da família sem o companheiro. Se ele estiver cuidando do jardim, fique ao lado dele e forneça-lhe algumas idéias a respeito de como livrar-se das ervas daninhas - ou de como se acostumar com a presença delas e não preocupar-se mais! Ajude-o a preparar os canteiros da horta. Leve um pão caseiro para sua família. Partilhe seus frutos e hortaliças, ou qualquer outra coisa que seja apropriada. Faça alguma coisa para, gradualmente, ir ganhando sua amizade. Você poderia até mesmo tornar-se amigo do cachorro da família.

Envie cartões de aniversário para todos os filhos. Quando algum deles fizer alguma coisa especial, escreva-lhe uma carta ou telefone. Você pode estar certo de que, se conseguir ganhar a amizade e admiração dos filhos, terá ganho também a aprovação do pai. Da mesma forma, para ganhar a afeição da filha, é preciso conquistar o coração da mãe.

Assim, por meio de atenção individual e visitas freqüentes, pouco a pouco se formará uma grande

amizade. Convide a família para jantar, participe com ela de passeios, jogos de futebol ou piqueniques. Quando for designado a visitar famílias inativas, é preciso ter tempo para dedicar-se a elas e conquistar sua amizade. Dessa maneira, você poderá criar um relacionamento pessoal proveitoso.

Quando se tratar de um jovem casal, consiga que alguma irmã idosa os visite para ajudá-los, dando idéias a respeito de culinária, costura e administração do lar, ou para cuidar das crianças. Faça com que sua esposa saia com ela para fazer compras, ou com que seus filhos cuidem dos dela, quando a mãe precisar sair, a fim de tratar de algum problema, ou permita que ela os deixe em sua casa.

Se o homem gostar de esportes, convide-o para futebol com os membros do quorum. Sempre que for pescar, leve o chefe da família e alguns filhos consigo. Convide o casal para assistir às reuniões do quorum.

Dessa maneira eles o conhecerão melhor e aprenderão a confiar em você. Tal atitude os fará sentir que está genuinamente interessado em seu bem-estar, e que se importa com eles. Então, quando chegarem os "momentos de ouro" por que tanto esperou - você poderá conversar com eles de alma para alma, a respeito das coisas de Deus. Quando houver essa espécie de relacionamento, você poderá dizer: — Irmão José, quero ajudá-lo a ser um líder espiritual em seu lar. Então será fácil sugerir que ele comece a fazer as orações familiares, a reunir-se com seus filhos e realizar a noite familiar, a estudar o evangelho, ler histórias das escrituras para seus filhos, começar a guardar a Palavra de Sabedoria e assim por diante.

Use Todas as Organizações da Igreja

Até agora falamos apenas sobre como os mestres familiares devem trabalhar com os membros inativos. Porém eles contam ainda com as organizações da ala, que podem ser de grande ajuda. Através do conselho de correlação da ala, a força de conversão e reativação da ala inteira pode ser canalizada para ajudar famílias especiais. Envolva tanto os membros do sacerdócio como das auxiliares; use os membros de todas as organizações como voluntários, e selecione mensalmente uma família específica para reativar.

Os professores da Primária e da Escola Dominical devem correlacionar seus esforços. Selecione nomes de filhos de membros inativos. Visite os pais e convide os filhos para assistirem às reuniões de ambas as organizações. As crianças da Primária devem trabalhar com as de sua própria faixa etária. Os portadores do Sacerdócio Aarônico devem trabalhar no sentido de integrar os membros de seu quorum. As moças (Abelhinhas, Meninas-moças e Lauréis) devem confraternizar as moças de sua respectiva idade que façam parte da família escolhida. As irmãs da Sociedade de Socorro devem convidar e ajudar a mãe e as filhas maiores de dezoito anos a assistirem às reuniões e atividades sociais. Os portadores do

Para conquistar o amizade da família inativa, você deve colocar-se no mesmo nível que ela.

Sacerdócio de Melquisedeque devem visitar e assistir o pai a reativar-se (das maneiras já mencionadas). Apesar do esforço conjunto das demais organizações, os mestres familiares devem continuar a fazer seu trabalho.

Durante a reunião do comitê executivo do Sacerdócio devem-se estabelecer planos para que esse esforço total seja coordenado e focalizado da maneira adequada. Esse sistema tem o grande valor de envolver tanto os jovens como adultos na expressão de genuíno amor e serviço.

Todos devem trabalhar em conjunto, tanto os mestres familiares como as famílias, fazendo este silente, porém efetivo trabalho com uma só família, simultaneamente, para que todos os seus membros sejam reativados ao mesmo tempo.

Esse procedimento poderia ser feito tranqüila e sinceramente, não como uma campanha, mas como uma forma de crescimento natural, através da expressão de um genuíno serviço cristão por parte de todos os envolvidos nesse trabalho.

Realizar Seminários do Evangelho

Existem duas qualidades básicas que faltam a todo membro inativo: conhecimento e testemunho. Os seminários do evangelho, não importa o nome que recebam, devem ser realizados para ensinar os princípios básicos do evangelho.

Os irmãos e irmãs inativos precisam aprender os seguintes conceitos: (1) as ordenanças salvadoras do evangelho, (2) os passos para serem portadores dignos do sacerdócio (3) os passos do arrependimento e de como obter uma recomendação para o templo, e (4) a alegria proporcionada pela atividade e serviço.

Os seminários geralmente terão melhor resultado, se forem realizados num lar entre cerca de cinco casais. Ocasionalmente seria apropriado realizá-los nas dependências da igreja.

Nesses seminários, procure suprir as necessidades desses irmãos e irmãs inativos. O presidente de uma das estacas de Richfield escreveu a respeito desse tipo de atividade: "Começamos a realizar seminários durante o verão de 1977. Desde que esse programa teve início, já realizamos cinco deles. Os resultados foram os seguintes: foram chamados 274 casais de integração; 353 élderes em perspectiva alistados juntamente com sua esposa; 40 casais foram ao templo; 147 élderes em perspectiva completaram os seminários e estão atualmente ativos na Igreja. Muitos dos que foram reativados atualmente ocupam postos de liderança.

Orar

A oração é essencial para que se consiga reativar nossos irmãos e irmãs. "Através da oração, podemos realizar mais coisas do que este mundo é capaz de sonhar." (Alfred Tennyson, *The Idylls of the King,* "The Prassing of Arthur," linhas 415-16.)

Ore por si mesmo e em favor dos membros que quer reativar: ambos precisam de mais fé e coragem.

Lembre-se do que disse o anjo que veio a Alma em virtude das orações do povo e de seu pai (veja Mosiah 27:14.)

Uma das alas do Missouri informa: O bispado e a presidência do quorum de élderes oraram e jejuaram para

saber os nomes dos homens que deviam reativar e convidar para a reunião do domingo seguinte. Naquela semana, cada um deles convidou um homem. Quatro das seis pessoas convidadas compareceram a uma reunião especial, durante a qual o bispo pediu que dissessem por que estavam ali. Um dos irmãos afirmou que, no domingo anterior (na mesma ocasião em que seus nomes estavam sendo considerados), ele sentiu um grande desejo de emendar sua vida, e assumiu o compromisso de ir à igreja naquele dia. Outro declarou que, no domingo anterior, ele também havia sentido um desejo semelhante de endireitar seu caminho. Ele estava afastado da Igreja havia quatorze anos, mas comprometeu-se a voltar Um outro procurou o bispo após a reunião e assumiu o compromisso de voltar a ser plenamente ativo.

Aquela estaca selecionou trinta famílias inativas, produzindo dezesseis resultados positivos.

Chamar os Membros Para Algum Cargo

Todo mundo deseja ser alguém e tornar-se útil. Não há quem não goste de ser estimado, aceito e de ser alguma coisa. Como todos nós, esses irmãos e irmãs precisam receber um chamado para servir na Igreja. Suponha que, por motivos reais ou imaginários, você tivesse sido tratado com indiferença, ignorado ou ferido. Suponha ainda que houvesse sido desobrigado de suas designações e nenhuma pessoa com autoridade, ninguém afinal, jamais tenha entrado em contato com você para pedir-lhe que assumisse um cargo na Igreja. Se você tivesse sido "abandonado" por seis ou doze meses, ou até mesmo durante anos, será que sua atitude para com a Igreja ainda seria positiva? Na melhor das hipóteses, será que a princípio, você não ficaria amuado, depois crítico e finalmente acabaria amargurado e inativo? Geralmente os membros inativos foram tratados com negligência durante longos períodos de tempo.

Quando eles começarem a demonstrar interesse e a fazer algum progresso, devem ser chamados para assumir cargos à altura de sua capacidade. Certamente a maior parte dos homens poderia ser chamada para ser companheiro do mestre familiar daquele que os visitava, e logo em seguida receber outras designações adequadas.

As pessoas inativas precisam sentir-se necessárias e apreciadas. Elas desejam ser úteis. Conceda-lhes essa oportunidade.

Manter um Esforço Uniforme e Constante

Todos nós compartilhamos da responsabilidade de reconduzir de maneira afetuosa e sincera nossos amigos e famílias que se achavam afastados da plena atividade - com o motivo correto em mente, ajudar essas pessoas a se achegarem mais ao Senhor e seus semelhantes, e a desfrutar da plenitude das bênçãos do Senhor que estão ao seu alcance durante esta vida e para sempre. Se tratarmos deste assunto com a devida diligência, tenho certeza de que seremos bem sucedidos.

Devemos unir nossos esforços no trabalho de reativação. Esse esforço afeta o sucesso de todos os outros programas da Igreja, por isso devemos realizá-lo sem esmorecimento.

Neste ponto, muitos de nós temos sido inativos. Que sejam nossos os primeiros frutos do arrependimento.

A Jornada Mais Importante

E. Dale LeBaron

"Eu sei exatamente como é uma jornada de 1.600 quilômetros," diz Mavis Hutchison. "Ela é dolorosa."

Na verdade, foi uma jornada de 4.800 km e não de 1.600. Essa sul-africana de cinqüenta e três anos de idade, em 1978 literalmente atravessou os Estados Unidos correndo de Los Angeles a Nova Iorque. E quando voltou para Johannesburg, África do Sul, Mavis iniciou uma jornada eterna, sendo batizada em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. As duas jornadas foram um desafio para ela, e ambas se tornaram infinitamente compensadoras.

"Comecei minha carreira de atleta correndo atrás de meus filhos", diz ela, brincando. E isso é realmente verdade, pois seus dois filhos, dos seis que ela tem, começaram a interessar-se pelo atletismo desde a juventude, e ela, com trinta e sete anos de idade, preocupada com suas condições físicas, começou a treinar com eles. Em 1963, houve uma grande maratona no Transvaal, que se tornou uma verdadeira loucura; Mavis participou dela e acabou tornando-se "uma das melhores corredoras do país". Mavis gostou da experiência - da competição, do treinamento e disciplina constante, e de ter-se encontrado a si mesma.

Mavis jamais havia pensado em fazer atletismo. Seu pai, George Vaughn, foi um grande atleta e jogador de futebol americano em Kimberly, local onde se encontra "o maior buraco feito pelo homem", onde ele trabalhava para uma companhia mineradora de diamantes. Na infância, Mavis tinha sido uma criança nervosa e sofrera de coréia (doença de São Vito), enfermidade que a deixara acamada por um período de noventa dias, em três ocasiões diferentes. O atletismo foi um acontecimento inesperado na vida da Sra. Ernest Hutchison, de Johannesburg , mãe de seis filhos, e atualmente avó de sete netos.

Do pedestrianismo, ela passou às corridas rústicas de longo percurso, e trabalhou arduamente para conseguir que a República da África do Sul reconhecesse essa espécie de esporte feminino como legítima modalidade de atletismo. Ela foi recompensada da maneira usual, com mais trabalho, pois foi indicada para dirigir a primeira equipe feminina que representaria seu país no exterior, viajando para a Grã-Bretanha em 1969.

Nessa ocasião, ela já estava treinando seriamente e se inscrevera numa das mais difíceis maratonas do mundo, a "Maratona dos Camaradas", que começa a 760 metros acima do nível do mar, em Pietermaritzburg, e segue por "87 quilômetros de estonteante paisagem até a cidade costeira de Durban". Essa é a "corrida para baixo". A "corrida para cima", feita em anos alternados, começa em Durban e sobe por um caminho cansativo até Pietermaritzburg.

A essa altura, as corridas tinham-se tornado uma parte de sua vida. Cada dia que passava, ela estabelecia para si própria metas mais altas, redobrava seus esforços, e finalmente, em 1978, enfrentou os dois maiores desafios de sua vida. Um deles foi atravessar os Estados Unidos correndo, e o outro o de aceitar a mensagem dos missionários mórmons.

Ela os havia encontrado um pouco antes de partir para os Estados Unidos, e pediu-lhes que voltassem, "pois estava muito nervosa com os preparativos finais para a viagem".

No dia 12 de março de 1978, chegando aos degraus do edifício da Prefeitura de Los Angeles, de onde começaria sua longa jornada, ela compreendeu que estava "enfrentando o maior desafio de sua vida", tanto espiritual como físico. "Aquele era o maior sonho de minha vida, mas estava apreensiva, e pensava comigo mesma: 'Será que realmente conseguirei realizar essa façanha? O que encontrarei pela frente? Será que terei forças suficientes para chegar até o fim? Estarei preparada adequadamente? Se eu tivesse juízo, teria ficado em casa.'

O relógio bateu dez horas e ela deu a largada. Seguida por dois furgões, Mavis corria quatorze horas por dia, começando às 4h00 da manhã e parando somente para as refeições. Ela atravessou correndo treze estados e quatro fusos horários. Mavis deu seis milhões de passos, um de cada vez; usou vinte e cinco pares de sapatos em sistema de rotação e teve de consertá-los quarenta vezes.

O tempo a castigou quase que sistematicamente com todas as variações possíveis. Durante quatro semanas, Mavis arrastou-se em meio a um intenso calor. Nas quatro seguintes, enfrentou ventos fortíssimos — que mais de uma vez quase a levantaram do chão e um frio cortante que venceu com dificuldade sob o peso de dois agasalhos de física, um gorro, luvas e um leve blusão. Depois, começou a chover sem parar durante sete dias. Uma capa de chuva mantinha-a seca durante exatamente uma hora, por isto precisava usar duas. Juntas, mantinham-na protegida por quatro horas.

As condições climáticas não eram seu único desafio. "O tráfego das rodovias era apavorante", exclamou ela. Num dos trechos mais perigosos, os carros passavam sibilando a cada sete segundos. Ela parou de correr apenas um dia — no trigésimo terceiro, quando foi impossível continuar por estar com fortes dores na perna direita. No dia seguinte, tiritando de frio e literalmente arrastando a perna, ela estava de volta na estrada.

"Orei muitas vezes pedindo ao Senhor que me desse coragem para suportar a dor", relembra Mavis. "Não lhe pedi que a tirasse de mim, mas apenas que me desse forças para suportá-la." Ela orou muitas vezes durante a jornada: "Por favor, Senhor, dá-me vigor para enfrentar o vento, resistência para vencer a longa distância que tenho pela frente, e força de vontade para não desistir." Em nenhuma ocasião duvidei de que conseguiria chegar ao final da corrida, mas posso assegurar-lhes que houve ocasiões em que não sabia como terminaria o dia seguinte, ou até mesmo a próxima hora. Então orava, usando a letra do hino de John Henry Newman, a qual dizia: 'Por favor, Deus, não te peço vislumbrar o cenário distante. Basta apenas que me concedas dar um passo de cada vez.'"

Finalmente o tempo melhorou, e "os últimos dias foram os mais lindos que eu podia imaginar". Por fim, chegou a Nova Iorque e terminou sua jornada diante da Prefeitura Municipal, pouco antes do meio-dia de 20 de maio. Ela foi a única mulher na história que realizou uma corrida das costas do Pacífico às do Oceano Atlântico, atravessando os Estados Unidos. Exausta pelo esforço despendido naqueles sessenta e nove dias, duas horas e quarenta minutos, sentiu-se surpresa por chegar ao final: "Terminou tão de repente", disse ela.

Teria valido a pena? "Sim. Ganhei experiências além do que podia imaginar. Aprendi que nada é impossível, se

estamos preparados e nos esforçamos o suficiente. A idade pouco importa. Não existem barreiras nem empecilhos. No esporte, temos que vencer sozinhos. Ninguém pode correr por nós. Aprendi também que o fracasso é importante, pois ele nos ensina disciplina, paciência, perseverança e capacidade de aceitar desapontamentos."

De uma forma que ainda não conseguimos compreender, aquela corrida estafante preparou Mavis para aceitar o evangelho. A longa permanência nas estradas "abriu meus olhos e meu coração para os tesouros ocultos que se achavam escondidos em minha existência. Eu estava pronta para descobrir meu próprio eu." Além do temor de fracassar e da dor provocada pelo esforço exaustivo, existia um inabalável senso de identidade, uma identidade que honrava a verdade e abominava a hipocrisia. E a "solidão purificadora" das longas corridas proporcionou-lhe um anseio instintivo de buscar alegria.

A oportunidade de galgar outro nível de autodescoberta surgiu um mês depois, quando ela voltou a Johannesburg. Dois missionários, diferentes dos que a visitaram na primeira vez, bateram à porta. Ela participou entusiasticamente das seis palestras, "com a firme convicção de que eles continuariam a visitá-la indefinidamente, pois apreciava muito suas visitas". Mas, quando eles lhe perguntaram se gostaria de ser batizada no sábado seguinte: "Fiquei completamente atônita, e informei-os claramente de que tinha um compromisso inadiável para aquela data, e também para os dois sábados seguintes."

Ela, porém, agora se conhecia bem demais para fugir àquele segundo grande desafio. "Eu sabia que estava apenas apresentando pretextos. Sabia também que, se preferisse não me filiar à Igreja, estaria abandonando aquele maravilhoso caminho, pois agora existia em minha vida uma luz que eu jamais havia conhecido."

A clareza da decisão que ela precisava tomar não tornava a resolução mais fácil, pois seria o único membro da família a filiar-se à Igreja e estaria mudando seu estilo de vida pela terceira vez, o que era um processo doloroso. Porém, ao orar, "senti o Espírito de nosso Pai Celestial dizer-me que eu devia fazer o que era certo". O Espírito também me sussurrou "que cabia a mim decidir".

E Mavis tomou sua decisão. No dia 30 de setembro de 1978, às 4h30 da tarde, ela estava aguardando na Capela de Ramah sua vez de ser batizada, e a emoção que agora sentia era uma repetição do que sentira em Los Angeles. "Muitas pessoas foram batizadas junto comigo. Todas elas pareciam tão calmas, seguras de si e radiantemente felizes. Eu estava muito nervosa e insegura naquele momento, e de certa maneira também muito infeliz. Será que me havia preparado adequadamente? Estaria fazendo o que era certo? Era um compromisso enorme o que iria assumir — seria capaz de mantê-lo?"

Será que valia a pena ser membro da Igreja? Novamente a resposta era sim! "Eu *sei* que tomei a decisão correta. Sei também que haverá muitas ocasiões em que terei de orar ao Senhor, pedindo forças simplesmente para poder dar o passo seguinte; mas eu soube, após o batismo, que poderia chegar ao final do caminho. Esta é a jornada mais importante de minha vida."

Desde que foi batizada, Mavis já serviu como secretária da Escola Dominical, líder de Relações Sociais da Sociedade de Socorro e professora visitante, e ainda, como não poderia deixar de ser, consultora de atletismo do Comitê de Atividades.

Perguntas e Respostas

(William E. Berret, patriarca de estaca e professor emérito de História e Doutrina da Igreja, Universidade Brigham Young.)

Perguntas de interesse geral do evangelho, respondidas como orientação, não como pronunciamento oficial da Igreja.

Podem as curas ser reais, se não forem realizadas pelo poder do sacerdócio?

Ao considerar esta questão, lembremo-nos de que um dos apóstolos do Senhor lhe disse certa vez:

"Vimos um homem que em teu nome expulsava demônios; e lho proibimos, porque não segue conosco.

"Respondeu-lhe Jesus: Não lho proibais; porque quem não é contra vós é por vós." (Lucas 9:49-50.)

Não resta dúvida de que é bom sermos curados quando estamos enfermos, e existem muitas maneiras de a pessoa curar-se sem ser através das administrações do sacerdócio: através de bons hábitos de saúde, ervas medicinais, remédios e orações da fé.

O Senhor nos deu a Palavra de Sabedoria como um guia de boa saúde. Mas ele também fez crescer diversas espécies de ervas medicinais na terra, as quais têm propriedades terapêuticas. Lemos no livro de Alma: "E houve alguns que morreram de febres, que em certas épocas do ano eram freqüentes no país. Muitos, porém, não morreram de febre, por causa das plantas e raízes que Deus havia preparado para

remover as causas das enfermidades a que estavam sujeitos, devido à natureza do clima." (Alma 46:40.)

Há inúmeras gerações, médicos e curandeiros de quase todos os países vêm usando muitos remédios extraídos da natureza para curar muita gente. Em nossa época, o Senhor derramou grande conhecimento sobre a terra, que os clínicos têm usado para proporcionar alívio aos enfermos e aflitos, e que ultrapassam em muito os poderes curativos dos remédios naturais que eram utilizados pelas gerações passadas.

O Senhor espera que utilizemos todos os meios que ele nos proporcionou para curar nossas enfermidades. A questão que mais tem confundido o homem são as curas em que não são usados remédios da natureza, nem a perícia médica intervém para curar o indivíduo. Tais processos são geralmente chamados de *cura pela fé* — cura que costuma ocorrer através do poder da mente sobre o corpo, ou pela administração do poder de Deus. Embora ambos os métodos sejam legítimos, muitas vezes eles causam equívoco, e as curas provocadas pelo poder da mente acabam sendo confundidas com as feitas pelo poder do sacerdócio.

Quanto mais aprendemos a respeito do poder que a mente exerce sobre o corpo, mais claro se torna que, até certo ponto e de maneira quase totalmente desconhecida por nós, nossa mente pode desempenhar e desempenha um poderoso papel em muitas espécies de curas. Na maioria das vezes, entretanto, estamos apenas vislumbrando essas capacidades mentais, e não as colocando em prática.

Inúmeras curas têm ocorrido através do exercício do poder da mente sobre o corpo físico. Os curandeiros aborígines, por exemplo, empregam algumas vezes recursos enganosos para inculcar fé na pessoa enferma, a fim de que ela possa ser curada. As curas, nesse caso, geralmente acontecem não devido aos encantamentos do curandeiro, mas em virtude de uma lei natural pela qual a mente consegue afetar o corpo.

O grande pregador George Fox, fundador da sociedade dos quacres, defendia as curas pela fé com muito sucesso, embora freqüentemente a enfermidade voltasse, e então era considerada como um castigo provocado pela desobediência à lei de Deus. Muitas outras curas ocorreram em santuários como Meca, na Arábia, embora apenas um pequeno número das pessoas que lá vão para receber alívio sejam realmente curadas. Têm ocorrido também algumas curas pela fé, em reuniões de reavivamento, mas a permanência segura do alívio que elas proporcionaram tem sido bastante questionada. Além disso, os adeptos da ciência cristã afirmam que a dor

não existe, e não passa de um erro da faculdade humana.

Acredito que muitos indivíduos que são curados pelo poder da mente e do espírito sobre o corpo não foram guiados por homens influenciados pelo diabo, mas por pessoas bem intencionadas, e que a fé que produziu curas em santuários, por exemplo, não é necessariamente obra do adversário, mas pode ter sido simplesmente uma aplicação de um princípio de vida dado por Deus que não conseguimos reconhecer. Creio também que, quando classificamos tais curas como procedentes do diabo, cometemos uma injustiça contra um grupo de pessoas bem intencionadas que induziram o enfermo a ter fé, embora seja aparente que alguns encantamentos e exorcismos e alguns ambientes e indivíduos não sejam um reflexo do Espírito de Deus.

Creio que devemos reconhecer que existem charlatães, inbuídos de propósitos escusos, que usam o princípio certo do relacionamento entre a mente e o corpo de modo diabólico. Embora o demônio não possa praticar o bem, pessoas dotadas de desígnios satânicos às vezes podem misturar o bem com o mal. Isso levou Brigham Young a dizer o seguinte a respeito do hipnotismo que viu ser praticado em sua época: "O mesmerismo (hipnotismo) é a inversão da verdade; ele se originou de princípios santos, bons e corretos, que foram invertidos pelo poder do diabo... Mostrem-me um só bom princípio a que o poder do demônio tenha dado origem. Não podeis fazê-lo. Eu chamo de mal ao bem invertido, ou um princípio correto que é usado para o mal." (*Discursos de Brigham Young,* pp. 69 e 74.)

Encontramos exemplos do uso inadequado desses princípios verdadeiros nos relatos bíblicos e históricos. Por exemplo, usando poderes demoníacos, os mágicos do Egito foram capazes de imitar diversos milagres que Moisés realizou pelo poder de Deus. (Veja Êxodo 7-8). Durante a época dos apóstolos primitivos, Simão, o mago, retratou tão convincentemente seus poderes satânicos como procedentes de origem divina, que muitas pessoas, "desde o menor até o maior (disseram): Este é o poder de Deus que se chama Grande" (Atos 8:10). Em 1830, Hiram Page, uma das oito testemunhas do Livro de Mórmon, disse ter recebido "revelações" para a Igreja de uma certa pedra que havia encontrado. Embora essas "revelações" contradissessem as que Joseph Smith recebera do Senhor, sua maneira de recebê-las enganou muitos membros da Igreja, inclusive Oliver Cowdery. O Senhor pediu a Joseph que dissesse ao Irmão Page que "aquelas coisas que ele escreveu por meio de tal pedra não são minhas, e que Satanás o iludiu" (D&C 28:11). Oito anos depois, Hiram Page afastou-se

da Igreja. Obviamente, nestes casos, o adversário concedeu aos homens grande poder tão semelhante ao manifestado pelos verdadeiros servos de Deus, que muitos foram enganados. A meu ver, portanto, os verdadeiros princípios podem ser usados tanto para o bem como para o mal.

Agora que já entendemos alguma coisa sobre outras espécies de curas — umas provenientes do bem e outras de Satanás, vejamos as feitas pelo poder do sacerdócio. As curas produzidas só pela fé sofrem certas limitações. Mas, quando a fé possuída pela pessoa enferma é acompanhada pela administração do poder do sacerdócio, não existem limites para os resultados possíveis. Ouça o convite que Cristo fez aos nefitas:

"Tendes enfermos entre vós? Trazei-os aqui. Há entre vós coxos, cegos, defeituosos, mutilados, leprosos, surdos ou aflitos por qualquer coisa? Trazei-os aqui e eu os curarei, porque tenho compaixão de vós; minhas entranhas estão cheias de misericórdia." (3 Néfi 17:7.)

Nas curas efetuadas pelo sacerdócio, a fé que tem a pessoa enferma também é um fator de importância vital — mas é uma fé verdadeira num poder real: o sacerdócio. Em tais casos, a fé age como um catalisador, ajudando a desencadear as reações físicas desejadas. Marcos, em seu evangelho, registra que o Senhor conseguia realizar poucas de suas costumeiras curas ao visitar o povo de sua cidade natal, Nasaré, devido à incredulidade daquela gente (Veja Marcos 6:5.)

Assim, quando o sacerdócio de Deus impõe as mãos sobre enfermos fiéis, um poderoso elemento de cura flui do portador do sacerdócio para a mente e corpo da pessoa que está sendo administrada. Essa força é tão real quanto os raios ultravioleta ou o raio laser, porém muito mais poderosa, quando prevalecem as condições ideais, em sua influência sobre o corpo físico. Brigham Young explica:

"Quando imponho as mãos sobre um enfermo, espero que o poder sanador e influência de Deus passem através de mim ao paciente, e que a enfermidade ceda." (*Discursos de Brigham Young*, p. 162.)

Embora o mundo não consiga entender esse poder de cura transmitido pela administração do poder do sacerdócio, ele é conhecido e atestado pelo povo de Deus. Assim, embora reconhecendo o poder da fé sem a administração do sacerdócio, os santos dos últimos dias procuram sempre obter o poder de cura muito mais poderoso, o do sacerdócio de Deus, que abrange e resume todas as outras formas de cura, e quando necessário, sua influência e capacidade de curar vai muito além do que os outros meios podem proporcionar. (Veja D&C 43:44.)

O Pequeno Livro

Jaques Felshaw

O ardente testemunho do amor de Deus que ainda emociona minha alma inundou-a quando eu tinha apenas dez anos de idade, numa época em que precisava de forças que me sustentassem por ocasião de uma experiência realmente assustadora. Esse testemunho embebeu firmemente minha alma, e tornou-se uma força motivadora em minha busca da verdade, levando-me a obter certeza da veracidade do evangelho e a me tornar membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias alguns anos depois.

A experiência começou com Tia Maggie e um pequeno livrinho chamado *"Os Dez Mandamentos,"* com que ela presenteou minha irmã mais nova no Natal. Devido ao fato de minha tia ser considerada quase um anjo por todos os que a conheciam, eu não tive dúvida de que deveríamos viver segundo toda palavra que estava escrita naquele livro.

Tia Maggie amava as escrituras. Sua vida sempre foi cheia de dedicação, e muitas vezes, quando nossa família se reunia, ela falava sobre a importância de conhecermos os ensinamentos de Jesus Cristo e de usá-los como um guia em nossa vida. Eu sentia uma cálida influência e segurança em seu lar, e tornei a ter a mesma sensação ao ler aquele pequeno livro e admirar suas ilustrações que representavam cenas bastante familiares. Eu tinha certeza de que gostaria de que minha família fosse como a que nele via retratada.

Certo dia, Edres, minha irmã mais nova, Wade, meu irmãozinho e eu estávamos brincando nas dunas de areia que existiam pouco adiante dos campos de nossa casa, quando subitamente a atmosfera sofreu uma brusca transformação. Olhando para cima, vimos que se aproximava uma violenta e negra tempestade. Nós já tínhamos visto tormentas iguais anteriormente. Uma delas chegara até mesmo a derrubar nosso cata-vento, quebrara os ramos das árvores que havia no jardim e fizera com que as folhas secas dançassem loucamente ao seu sabor.

Agora estávamos com medo, e Edres começou a chorar. Tomando ela e meu irmãozinho pela mão, começamos a correr em direção de casa. Minha irmãzinha, entretanto, não conseguia correr tão depressa quanto nós, e tivemos de diminuir a marcha quando nos encontrávamos a apenas uma centena de metros de casa. Enquanto corríamos, eu fiquei repetindo: '"Não se preocupem. O Senhor tomará conta de nós. Se fizermos

o que ele nos manda em *Os Dez Mandamentos,* ele nos protegerá."

Devo ter repetido esta frase pelo menos uma dúzia de vezes, em parte para incutir-lhes confiança, e também como uma forma de oração. "O senhor ama as criancinhas," dizia. "Tudo o que ele quer é que guardemos os mandamentos. Se assim fizermos, basta pedir e ele nos ajudará." Eu estava morrendo de medo, mas não podia demonstrá-lo para não assustar meus irmãos.

Eu sabia que tínhamos de chegar em casa antes de sermos apanhados pela força da tempestade, mas as perninhas de Edres não a ajudavam a correr mais. Não obstante, devido a tudo o que Tia Maggie dissera, e pelo que estava escrito naquele pequenino livro, eu tinha plena convicção de que o Senhor *realmente* nos ajudaria.

Então recebi um testemunho desse fato. Tínhamos apenas acabado de atravessar um grupo de pessegueiros que havia no pomar e estávamos a ponto de cruzar o setor das macieiras, quando uma cálida e inefável influência encheu minha alma, dizendo-me que as coisas que eu estava ensinando a meus atemorizados irmãos eram verdadeiras. Jamais esquecerei o calor que senti dentro de mim. Naquele instante, tive a sensação de ter três metros de altura. Eu já não sentia mais medo! Embora o vento soprasse cada vez com maior violência, e pedras de granizo e grandes gotas de chuva começassem a cair, eu sabia que chegaríamos em casa em segurança.

Mamãe veio correndo encontrar-nos. Tomou Edres nos braços e todos juntos corremos para dentro de casa o mais rápido que pudemos.

Algum tempo depois, a sós com meus pensamentos, meditei sobre o que havia acontecido lá fora no pomar. Eu sabia que havia passado por uma experiência espiritual, e que tinha profunda relação com o que estava escrito no livro *Os Dez Mandamentos*. Pelas conversas de mamãe, vovó e Tia Maggie sobre religião, eu sabia que o evangelho não se resumia apenas naquilo, e que em algum lugar da terra, existia uma igreja que ensinava o caminho que eu achava ser aquele que o Senhor gostaria de que seguíssemos.

Aquela experiência se tornou sagrada para mim, e anos depois, quando encontrei os santos dos últimos dias, percebi novamente dentro de mim aquele mesmo calor sentido na infância. Hoje sou grato à Tia Maggie por sua devoção às escrituras e por nos ter presenteado com aquele pequeno, porém valiosíssimo livro.

No Furor da Tempestade

Keith Brown Conforme relato feito a Sharon Brown.

O agradável passeio dos escoteiros se transformara numa luta insana para sobreviver à chuva enregelante e à fúria da tempestade. Encharcados e exaustos, eles tinham apenas uma alternativa: encontrar um refúgio ou morrer.

Uma tempestade de verão na *Sierra* geralmente dura apenas algumas horas, por isto não me preocupei quando começou a chover. Disse aos meninos que se agasalhassem, que íamos caminhar pela chuva até os isolados lagos do Vale Bench, que prometiam uma boa pescaria. Depois de quatro dias de acampamento e caminhada, não sabíamos que uma tempestade tropical que recebera o nome de Norman estava assolando a Califórnia. Com fortes rajadas de chuva, vento e ondas gigantescas, Normam faria todo o estado sentir sua avassaladora força. Porém, naquela primeira segunda-feira de setembro, não pressentíamos que aquela chuvinha gelada era um indício dele.

Fazer uma semana de acampamento na serra havia-se tornado uma programação anual para mim, que era o bispo, e a classe dos Exploradores de minha ala. Quando jovem, eu já costumava excursionar pelas montanhas *Sierra*. Agora que era bispo, achava que esses passeios serviriam, mais do que qualquer outra atividade, para me aproximar dos meninos da ala. Aquela era minha sexta viagem como líder, e também uma das mais fáceis até então. Em primeiro lugar, dois outros membros adultos, os irmãos Rich e Christiansen estavam-me ajudando, e em segundo, sete meninos do grupo já haviam acampado comigo antes. Somente dois rapazes de 14 anos eram principiantes. Steven Knight pretendia há muito tempo fazer um passeio daqueles, desde que Jim, seu irmão, voltara de um deles no ano passado, com histórias entusiásticas de fabulosas pescarias, do grande coleguismo e lindos cenários

naturais. Ele e Kurt Moddy, o outro novato, estavam muito entusiasmados. Devido a inexperiência deles, os dois criaram a mesma espécie de problemas que os principiantes costumavam dar. Ocasionalmente eles cometiam alguns erros, e ambos reclamavam muito do peso das mochilas, e sofreram dores nos pés e na musculatura. Porém, de modo geral, todos nós estávamos apreciando muito a jornada de 11 quilômetros que havíamos feito naquele dia. Cruzamos diversos regatos, caminhamos por um grande campo e fizemos uma bonita descida até o Vale Bench.

Não armem o acampamento ainda, rapazes, — instruí. — Se pudermos evitar, não queremos que as barracas fiquem molhadas. Não tirem as capas e esperem que pare de chover.

Eu ainda estava otimista, e pensava que a chuva logo terminaria, como todas as outras vezes em que vira chover naquelas montanhas. Porém, quando vi que ela não parou até o meio da tarde, resolvemos armar as barracas.

— Rachem um pouco de lenha seca e acendam uma fogueira, — disse aos escoteiros.

— Será que a chuva não a apagará? — perguntou Jim.

— Acenda o fogo perto do rochedo. Ele o protegerá um pouco. Manteremos o fogo bem alto, para que a fogueira continue acesa apesar da chuva.

Depois de um jantar quente, porém molhado, entramos em nossas barracas e esperamos que a tempestade passasse. Então o vento começou a soprar, e a chuva a cair com maior violência.

— Bispo Brown!

Acordei sobressaltado. Tudo estava bem e continuava a chover. Steve estava na entrada da minha barraca, todo molhado e tremendo de frio.

— Nossa barraca tem goteiras. Estou encharcado e com frio.

Fiz Steven entrar e o acomodei entre mim e Rich, que partilhava do alojamento comigo. Eu não sabia que Steven deixara de fechar a entrada da barraca dele e durante o resto da noite, a chuva caiu dentro dela e molhou Kurt, seu companheiro.

Algumas horas depois, acordei novamente, sentindo uma úmida sufocação. O vento havia arrancado as estacas da barraca, pois o chão estava tão encharcado, que não conseguia segurá-las. Um canto de nosso abrigo cedera totalmente, derramando sobre nós boa carga de água. Arrastei-me para fora e firmei novamente as estacas e aproveitei também para alimentar a fogueira. Porém, ao voltar para meu abrigo, a outra ponta da barraca tinha-se soltado. Firmei-a outra vez e entrei. Levei algum tempo para me aquecer novamente.

Ao amanhecer, o acampamento estava praticamente alagado. Quando Keith e Mark Nelsen acordaram viram que se havia formado uma lagoa em frente da barraca deles. Noutro lugar, um novo riacho corria entre duas barracas. De cima da pedra que usamos para proteger as mochilas, desciam torrentes de água que se despejaram sobre elas. A maior parte dos meninos estava com os sacos de dormir completamente molhados. Dos penhascos ao nosso redor, dezenas de pequenas cachoeiras derramavam torrentes de água no vale onde nos tínhamos abrigado. O espetáculo era surpreendente, porém aterrador.

— É melhor sairmos daqui, — disse o Irmão Christiansen. — Se não partirmos imediatamente, ficaremos presos nesta verdadeira armadilha.

— Não estamos num lugar alto? — perguntou Steve Young. Esta chuva pode transformar-se em neve e podemos ser apanhados em meio à nevasca.

Ambos tinham razão. Decidimos descer mais um pouco e procurar um refúgio menos frio. Com isto em mente, desfizemos apressadamente o acampamento.

— Que quantidade de alimento devemos levar? Não precisamos carregar todo ele, não é mesmo? — perguntou Steve Rich.

— Não, levaremos apenas o necessário, — concordei.

— Vamos voltar para os carros. Já estou enjoado dessa chuva, — resmungou Cornell Hansen.

Todos os outros meninos concordaram ruidosamente. Mas eu tinha minhas dúvidas.

— Não sei se conseguiremos caminhar os 32 quilômetros ainda hoje, com toda essa chuva, — disse eu. — Seria melhor

levarmos alimento suficiente para quatro refeições, para o caso de nos atrasarmos na volta.

— Ora, bispo, não me diga que vamos ter que levar tudo isso!

— Sim, temos. Vamos, mãos à obra.

O passeio logo se tornou um pesadelo. Nosso temor de que a chuva não parasse, logo se concretizou. Pequenas torrentes de água que antes havíamos atravessado sem molhar a barra das calças, agora tinham se transformado em rios turbulentos que quase não conseguíamos vencer. Havia cachoeiras por toda parte. A própria trilha havia se transformado numa torrente difícil de seguir. O vento açoitava os ramos das árvores à nossa frente. Tão desorientados estávamos, que acabamos perdendo a trilha e seguindo uma outra mais longa para Maxon Meadows. Lembrei-me de ter visto naquela região uma cabana de guardas florestais e talvez pudéssemos refugiar-nos lá. Caminhamos lentamente através do vento e da chuva enregelante. Quando finalmente chegamos ao local de onde se descortinava a campina, estacamos abismados.

— Olhem, um lago!

Sim, a campina estava coberta com um lençol de água que chegava aos joelhos. A cabana, no meio dela, parecia uma estranha arca, cercada pelas águas do dilúvio, que chegavam até seus alicerces. Atravessamos o alagado e continuamos a jornada.

Em certos lugares da trilha, a água chegava agora à cintura. Estávamos com frio e nos sentindo nas piores condições possíveis.

— Continuem andando, rapazes, — encorajei. — Logo estaremos fora desta enrascada.

Mas não havia pensado no *Fall Creek*. Era um pequeno regato que havíamos cruzado na ida. Antes da chuva, tinha apenas três metros de largura por trinta centímetros de profundidade, mas, agora, transformara-se numa furiosa torrente de trinta metros de largura e tão profunda, que seguramente não dava pé.

Mas tínhamos que cruzar o rio. Nossa situação se tornava cada vez mais crítica. Estávamos molhados e com frio, sem nenhum meio de nos secar e aquecer. A maior parte dos meninos estava com os sacos de dormir encharcados, não

tínhamos nenhum abrigo seguro e a lenha que havia ao redor estava molhada ou submersa. Era difícil imaginar a quantidade de água que havia a nossa volta.

Tínhamos um rio para cruzar, mas não dispúnhamos de meios para fazê-lo. Ele era profundo demais para ser vadeado, muito violento para ser cruzado a nado, e muito largo para construirmos uma ponte. Um pouco acima dali, o rio despencava numa profunda garganta, entre penhascos, portanto impossível de ser atravessado naquele local. Orei ao Senhor e pedi-lhe que, como Moisés, eu pudesse encontrar um caminho seco entre as águas. Começamos a descer pela margem do rio, esperando encontrar um lugar mais estreito para cruzá-lo.

Depois de andarmos uns quatrocentos metros, o Irmão Rich descobriu um grande pinheiro despencado sobre o rio, formando uma ponte. Já tínhamos visto anteriormente pinheiros servirem de ponte sobre rios, mas nunca do tamanho daquele verdadeiro patriarca. Embora ele não atingisse bem a outra margem, ambas as pontas estavam apoiadas em terreno mais alto de modo que podiam ser alcançadas, entrando-se na água até a cintura.

O Irmão Rich foi o primeiro que atravessou, a fim de verificar se era seguro. Ao subir no pinheiro, ele escorregou e caiu na água, mas não foi arrastado por ela. Equilibrando-se com

bastante cuidado, finalmente conseguiu chegar à outra margem, desaparecendo por momentos de nossa vista no meio de algumas árvores, até chegar a um local mais elevado.

Eu fui o terceiro a tentar a travessia. Tinha dado apenas alguns passos, quando algo me fez parar. Tive o pressentimento de que os dois meninos mais novos não conseguiriam cruzar a torrente sem ajuda. Tentei voltar, mas os outros já estavam em cima do tronco, bem atrás de mim.

— Keith —, chamei. O robusto menino louro olhou para mim. — Vá com o Steven e ajude-o, se ele precisar. — O menino fez um sinal com a cabeça, mostrando que havia entendido.

— Jeff, você atravesse com Kurt.

— Está bem, — respondeu ele.

Keith e Steven começaram a atravessar a árvore escorregadia. Ramos, arbustos e outros destroços carregados pelas águas tinham ficado presos ao tronco. Os galhos do gigantesco pinheiro impediam que eles seguissem em frente.

— Pise ali — instruiu Keith.

Steven pisou, mas entendeu mal as instruções de Keith, e ao pisar num ramo, este quebrou, desaparecendo sob as águas espumejantes, e Steve se foi com ele. Sua mochila pesada fê-lo afundar completamente, e a correnteza começou a puxá-lo para debaixo do tronco, correndo o perigo de ficar preso e afogar-se. Agindo rapidamente, Keith conseguiu alcançá-lo e, segurando-o pela mochila, puxou-o com toda a força e o colocou de volta em cima do tronco.

Assustados, mas sem qualquer outra alternativa, ambos continuaram a cruzar o rio sobre a árvore. Mas o perigo que Steven corria ainda não havia passado. Dali a pouco, ele pisou em alguns ramos que se quebraram debaixo de seus pés. Novamente ele caiu na água, e estava começando a ser arrastado pela correnteza, quando Keith o alcançou de novo e conseguiu retirá-lo.

Mas, a essas alturas, Steven estava com tanto medo, que não se arriscava a dar mais nenhum passo. Keith livrou-o da mochila e, sem o peso dela, Steven conseguiu chegar mal e mal ao outro lado em segurança.

Ao pisar em terra firme, Steven começou a tremer. Ele estava tiritando de frio, e aparentemente em estado de choque por quase ter-se afogado.

— Vou arrumar-lhe algumas roupas secas, — disse entusiasticamente, tentando apagar de sua mente os perigos por que passara. Dei-lhe a camisa e a blusa de lã que estava usando. Um dos outros meninos deu-lhe uma calça enxuta que retirou da mochila.

Enquanto ele trocava de roupa, os outros meninos acabaram de cruzar a árvore.

— Tenha cuidado, — disse Jeff a Kurt. — Você é maior que o Steven, e não sei se conseguirei tirá-lo da água, se você cair.

Eles iniciaram cuidadosamente a travessia, porém a árvore, dada a força da correnteza, moveu-se um pouco, e Kurt, perdendo o equilíbrio, caiu na água. Ele conseguiu segurar-se e não submergiu totalmente. Todavia, devido à força das águas e ao peso da mochila, ele não conseguia subir ao tronco, e Jeff não podia levantá-lo. Ambos lutaram inutilmente por alguns minutos, e Jeff também quase perdeu o equilíbrio. Finalmente ele conseguiu ajudar Kurt a tirar a mochila, sem a qual ele pôde voltar para cima do tronco e continuar a perigosa travessia.

Agora, porém, surgira outro perigo. Depois daquele mergulho, Kurt estava todo molhado, e eu não tinha roupas secas para ele, pois havia cedido as minhas ao Steven, que ainda tremia de frio. Apesar de estar com as roupas secas, ele tremia tanto, que mal conseguia falar. Eu sabia que ele precisava urgentemente aquecer-se, mas não tinha meios de fazê-lo.

Tudo o que tínhamos estava molhado, o equipamento, as roupas, a lenha, o solo. A temperatura começava a cair e o vento ajudava a nos enregelar. A única coisa que podíamos fazer era continuar caminhando. Os irmãos Rich e Christiansen concordaram com a idéia. Nós tínhamos que sair dali, porém a chuva caía incessantemente, e o nível dos rios subia a cada momento.

Recomeçamos a caminhada. Eu estava ficando tão gelado, que mal conseguia raciocinar com clareza. Reconheci que aquele era um sintoma de hipotermia, e comecei a ficar com medo. Quando a

temperatura do corpo cai demais, ele perde a capacidade de aquecer-se. É uma condição muito perigosa para os caminhantes molhados, e eu não tinha muita certeza se os dois meninos mais novos conseguiriam sair-se bem.

Mandei dois escoteiros mais experientes irem adiante de nós e procurar madeira seca e um pedaço de chão que estivesse bem acima da água. Orei para que tivesse êxito.

Dentro de quinze minutos, conseguimos alcançá-los. Eles tinham encontrado um tronco caído.

— Conseguimos parti-lo, disse Jeff. — Tiramos um pouco de madeira seca do meio, mas os fósforos não querem acender.

— Usaremos meu isqueiro — sugeri:

Tentei por diversas vezes acendê-lo, mas nada aconteceu.

— Talvez ele esteja sem fluido, — disse alguém.

— Não é possível, comprei-o pouco antes de partirmos. — Continuei tentando, mas o isqueiro não acendia.

Procurei os fósforos que levava. Felizmente eles ainda estavam secos. Risquei um deles, mas nada aconteceu. Tentei outro, e assim sucessivamente até o último, com o mesmo resultado.

— Ó, Pai Celestial, — orei, — tu sabes que necessitamos desesperadamente de auxílio. Temo que estes dois meninos morram, se não conseguirem aquecer-se. Se tivermos que passar a noite molhados e no meio dessa chuva e vento, eu também certamente morrerei. Por favor, ajude-nos a fazer uma fogueira para aquecer-nos. Precisamos de tua ajuda!

Tentamos acender todos os fósforos, mas não conseguimos tirar deles nem a menor centelha.

Por que não nos ajuda, Pai? Sou o bispo destes meninos, e precisamos de teu auxílio. Por que não atendes às minhas orações? Precisamos de ti. Por favor, não nos abandone.

A única resposta que tivemos foi a chuva violenta.

— Senhor, dependemos unicamente de ti. Não sei mais o que fazer.

Continuamos a caminhar. A essas alturas eu tremia violentamente. Em alguns lugares da trilha, a água chegava até a altura do peito dos rapazes. Somente as árvores marcadas nos impediam de sair da trilha certa. Eu tinha certeza de que não conseguiríamos cobrir todo o percurso naquele dia. Os meninos mais novos começaram a ficar para trás. Tínhamos outro rio pela frente, e este era maior que os outros, parecendo ser quase intransponível.

Que direi às mães deles, pensei comigo mesmo, cheio de preocupação. Será que isto porá fim a todos os acampamentos de jovens da Igreja? Como minha mulher conseguirá cuidar de nossos sete filhos? A pequena Melanie nasceu faz apenas duas semanas, e eu jamais a verei novamente. Meus pensamentos se tornavam cada vez mais aterradores. Continuei a orar solene e continuamente.

Quase desesperados, seguíamos aflitos debaixo da chuva, quando, de repente, ao virar uma curva, lá estava uma cabana. Não podíamos acreditar no que nossos olhos viam. Uma cabana! E dela saía fumaça pela chaminé. Descontando a cabana alagada de Maxon Meadows, aquela era provavelmente a única num raio de 32 quilômetros. As companhias de gás e eletricidade mantinham-na para abrigar seus operários na época de inverno.

Dentro dela, estavam quatro excursionistas que se tinham refugiado da tempestade. Na lareira, ardia um bonito fogo. No cálido abrigo, havia também muita lenha seca, arcas cheias de cobertores de lã e uma boa quantidade de mantimentos. Estávamos salvos!

Quando todos nós estávamos secos e aquecidos, agradeci a Deus sua grande misericórdia. Vi então que, se eu tivesse conseguido acender uma fogueira, ainda estaríamos lá fora, em meio à tempestade, lutando para salvar nossa vida.

— Obrigado, Senhor, por não teres respondido a meus apelos para que o isqueiro acendesse. Ajuda-me a lembrar-me, quando reclamar que não me escutas e quiser saber a razão, de que não sei a espécie de abrigo que encontrarei ao virar a próxima curva.

Tentei acender o isqueiro, e consegui logo na primeira vez.

A tempestade nos forçou a ficar ali mais dois dias e meio; então, com o solo já coberto de neve, continuamos nossa agora feliz jornada de volta.

Descobri a Veracidade do Sacerdócio

A. Hamer Reiser

O ar estava dolorosamente frio, e o acre odor da fumaça produzida pela queima de carvão nos aquecedores feria nossas narinas. O nevoeiro e a escuridão impediam a visibilidade. Era uma típica noite de inverno da Inglaterra.

Eu estava na missão havia apenas dois meses. Meu companheiro e eu guiamos apressadamente nossas bicicletas até uma aldeia próxima, para encontrar duas missionárias que nos haviam telefonado, parecendo ansiosas e preocupadas, pois um membro de sua área estava precisando de ajuda.

Indo para lá o mais rápido que pudemos, acompanhamos as duas missionárias até a casa do membro que precisava de auxilio. Ao bater à porta, uma senhora veio atender e convidou-nos a entrar numa pequena sala em cujo canto ardia uma lareira. A penumbra mal permitia distinguir a fisionomia dela. Tinhas as maçãs do rosto salientes e um ar triste e cansado, e estava com os olhos vermelhos e molhados de tanto chorar. Quando apontou para um pequeno berço perto da lareira, as lágrimas voltaram a correr. Soluçando, a mulher nos disse: — Meu bebê está doente. Ele não consegue respirar e o médico disse que vai morrer. A broncopneumonia mata muitas crianças durante o inverno britânico.

A mãe pediu-nos que administrássemos o nenezinho de apenas três semanas de idade. Ternamente levantou a criança do berço, aninhando-a de maneira carinhosa e protetora nos braços. As lágrimas que caíam de seus olhos molhavam o pano de linho que cobria o bebê. A cabeça dele era tão pequena, que mal conseguia acomodar minhas mãos relativamente grandes sobre ela. Quando impus as mãos sobre a macia cabecinha pude sentir os delicados caracóis de seus cabelos.

Era a primeira vez em minha vida que eu administrava uma pessoa enferma. De alguma forma consegui pronunciar as palavras corretas. "Sonja Holbert, em nome de Jesus Cristo e pelo poder e autoridade do Santo Sacerdócio de Melquisedeque..." Naquele momento, pude sentir uma onda de poder dentro de mim. Era uma experiência sagrada e incomum. Eu sabia, sem sombra de dúvida, que estava sendo um instrumento nas mãos do Deus Todo-Poderoso para curar aquela criancinha.

Essa experiência se misturou a outras lembranças de minha vida, e com o passar do tempo, quase cheguei a esquecê-la. Cerca de dois anos depois, um pouco antes de terminar a missão, fui designado para trabalhar na cidade onde aquela mãe e a criança viviam. Batemos à porta das casas de determinada rua e um dos moradores nos disse que um membro de nossa Igreja morava numa casa situada um pouco além da esquina. Encontramos a residência e batemos à porta. O estilo arquitetônico das casas inglesas é quase idêntico, por isto não reconhecemos de imediato que aquela morada era a mesma que havíamos visitado dois anos antes. A mulher convidou-nos a entrar. Quando entramos na mesma sala pequenina, um par de olhos bem azuis fitaram-me atentamente. Sentei-me numa cadeira e uma linda garotinha subiu em meu colo. Acariciei seus cabelos louros e uma onda de recordações veio-me à memória. Lembrei-me daquela terrível noite, da mãe chorosa e do bebê que respirava com dificuldade, e do inconfundível poder do sacerdócio. — Obrigado, Pai Celestial, — murmurei baixinho, — pelo privilégio de usar esse poder para ajudar esta criancinha.

Aquele acontecimento me fortaleceu profundamente. Agora eu sabia, com toda certeza, o que significava dizer: "Eu sei que o poder do sacerdócio foi restaurado nos últimos dias e testifico que Deus vive e nos ama. Sei também que podemos receber grandes bênçãos através do uso adequado do sacerdócio."

Confissão

Bispo J. Richard Clarke
Segundo Conselheiro no Bispado Presidente.

Há alguns anos, um jovem foi apanhado cometendo um furto muito grave e levado para a prisão. Seus pais ficaram aturdidos e envergonhados com o acontecimento, e asseguraram ao filho que não se preocupasse, pois eles tinham "influência" nos altos escalões e estavam certos de que logo o libertariam. O bispo, num gesto bem intencionado, disse ao rapaz que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para que um bom rapaz como ele não tivesse que pagar aquele crime. O rapaz finalmente zangou-se e disse: — Será que vocês não percebem o mal que me estão fazendo? Eu sou culpado. Se vocês conseguirem que eu não seja castigado pelo que fiz, terei de carregar o peso da culpa por toda minha vida. Por favor, deixem-me pagar o erro que cometi, para que um dia eu possa livrar-me dessa mancha infamante.

Poucos dons são mais desejáveis que o de uma consciência tranqüila - de uma alma que está em paz consigo mesma. Somente o poder de nosso Salvador Jesus Cristo pode curar uma alma atribulada. Mas, se quisermos que ele realmente nos cure, devemos seguir o procedimento que ele nos indicou.

A confissão é um requisito necessário para se obter o perdão completo. Ela é uma evidência da verdadeira "tristeza segundo Deus"; uma parte importante do processo de purificação - do ato de começar de novo uma página em branco do diário de nossa consciência. A confissão deve ser feita à pessoa apropriada, a quem ofendemos, e também ao Senhor. Além disso, talvez nossa transgressão seja de tal gravidade, que precisemos confessá-la a um administrador legal do sacerdócio.

"Nem toda pessoa, nem todo portador do sacerdócio está autorizado a receber as sagradas confissões de culpa. O Senhor organizou um programa ordeiro e coerente. Todo membro da Igreja deve prestar contas a uma determinada autoridade eclesiástica. (Veja Mosiah 26:29 e D&C 59:12.) Na ala, é o bispo; no ramo, o presidente; na estaca ou missão, o presidente; e nos escalões maiores de autoridade da Igreja, às Autoridades Gerais com a Primeira Presidência e os Doze Apóstolos à testa de tudo." (Spencer W. Kimball, *O Milagre do Perdão*, p. 310.)

Entre as transgressões que requerem confissão ao bispo, contam-se o adultério, a fornicação, outros pecados de natureza sexual e faltas de gravidade equivalente. O Presidente Kimball nos advertiu de que "não devemos equivocar-nos - a confissão deve ser honesta, total." (*Ibidem*, p. 174.) Lembremo-nos de que estamos procurando obter a completa libertação das torturas de uma alma atribulada. O Profeta Alma disse que ele tinha "padecido muitas tribulações, e (arrependeu-se) quase até a morte", (Mosiah 27:28) sentindo como que se estivesse sendo consumido por um fogo

eterno. O arrependimento não é fácil. A "tristeza segundo Deus", faz com que a pessoa chegue às profundezas da humildade. É por isto que o dom de perdoar é tão doce e faz com que o transgressor se achegue mais ao Salvador e crie com ele um laço especial de afeição.

Na posição de bispo, tenho sentido a mais atemorizante e ao mesmo tempo santificadora responsabilidade de ser um "juiz comum" para as famílias de minha ala. Sei o quanto uma pessoa deve achar difícil vir falar comigo e reconhecer o sagrado papel que represento durante uma confissão sincera. Sei que fiz o convênio de guardar sigilosamente em meu coração as informações que me foram confiadas. Mas oh, como orei ao Senhor pedindo que me desse sabedoria para estar apto a discernir, através do Espirito, as decisões certas que devia tomar. Aprendi que o julgamento mais bondoso que podemos aplicar é o de permitir que os requisitos da justiça sejam plenamente satisfeitos por um "pagamento" proporcional ao erro cometido. Requerer do pecador menos do que a natureza da transgressão merece. seria deixar o débito apenas parcialmente saldado, e só remover parte do fardo da culpa. A compaixão geralmente faz com que o bispo seja complacente; porém, a misericórdia sem justiça não é bondade.

O arrependimento total liberta o individuo e lhe proporciona indizível alegria.

Alma disse: "E oh, que alegria e que luz maravilhosa vi então! Sim, minha alma se encheu de tanta alegria quanta havia sido minha dor!

"Sim, não pode haver coisa tão intensa e tão cruciante como todas as minhas dores... também não pode haver nada mais agradável e doce do que foi a minha alegria." (Alma 36:20-21.)

Tenho sido procurado por membros da Igreja que têm carregado um fardo muito pesado em seus corações há muitos anos, procurando servir e doar generosamente de seu tempo e dinheiro para pagar seus pecados, ao invés de confessá-los ao bispo. Eles não conseguiram substituir a confissão com boas obras. Como o Presidente Kimball ilustrou, devemos remover todas as maçãs estragadas do barril e recomeçar uma nova vida. (Veja *O Milagre do Perdão*, p. 174.)

Não tentemos encontrar uma solução mais fácil ou criar um atalho para o caminho do Senhor. Comprometamo-nos hoje mesmo a procurar o bispo e simplesmente lhe dizer: "Bispo, eu tenho um problema, e preciso de sua ajuda. Pode-me atender?" Ele sabe o que queremos dizer. Então ele, a quem foram dadas chaves especiais e inspiração, poderá ajudar-nos a recomeçar uma nova vida cheia de alegria.

POR CINQÜENTA ANOS ELES TÊM SIDO MESTRES FAMILIARES JUNTOS

por Hal Knight

Edwin S. Brown a esquerda, Ernest L. Snider a direita.

Todos os meses sem falta, Ernest L. Snider, 72 anos, e Edwim S. Brown, 71, fazem visitas de mestres familiares. Nada de incomum sobre isso — exceto que eles têm sido companheiros por mais de cinqüenta anos!

Em meio século, sua designação tem recebido nomes diferentes — mestres de ensino de um quarteirão, de uma ala, mestres familiares — mas durante todo esse tempo, eles sempre se importaram com as famílias que lhes foram designadas, e permaneceram juntos. Ambos têm pertencido à Ala Poplar Grove da Estaca Pioneer, Salt Lake toda a vida. Cresceram à distância de um quarteirão um do outro, foram ao colégio juntos, e jogaram bola nos times atléticos da Igreja, embora Ed Brown fosse inativo e Ernie Snider não fosse um membro.

Irmão Snider uniu-se à Igreja em 1930. Foi-lhe designado um quarteirão para ensinar e seu amigo inativo foi designado com ele. "Ernie arrastou-me consigo e fez-me continuar a participar durante os anos em que permaneci inativo," disse irmão Brown. Naqueles dias, os limites da ala se estendiam por algumas milhas desde a área próxima ao centro da Cidade de Salt Lake. "Fomos designados para os distritos mais distantes, porque dispunhamos de um carro," disse irmão Snider.

A ala foi dividida e subdividida muitas vezes e agora a dupla pode caminhar para visitar as famílias. Eles ainda moram a um quarteirão de distância um do outro. As famílias designadas a eles têm mudado constantemente em 50 anos, mas uma família tem sido responsabilidade deles nos últimos 20 anos. "Não temos tido nenhum milagre enquanto fazemos as visitas como mestres familiares, mas temos visto muitas pessoas se tornarem ativas na Igreja," disseram eles.

A maior parte das casas que eles visitam agora são de casais idosos ou viúvas. Certa vez lhes foi designada uma família mais jovem porque ninguém mais conseguia entrar na casa. "Nunca tivemos problemas e sempre fomos bem-vindos," disse irmão Snider. As visitas não são demoradas. "Seja breve, não demore muito, e seja bem-vindo," tem sido sempre seu lema. Eles tentam ser úteis de outros modos, seja apanhando pessoas no aeroporto, seja acalmando os temores de uma viúva idosa investigando para ver se há assaltantes em seu lar.

"Temos muitas vezes administrado aos doentes," disse irmão Snider.

Seu serviço não se limita às famílias a eles designadas mas abrange também a outros vizinhos. Quando irmão Snider foi chamado como bispo da ala no início da década de 1940, disse ao companheiro de visitas familiares: "Como bispo eu tenho a autoridade para designar a mim mesmo para ter o mesmo companheiro de visita familiar."

Assim, ficaram juntos pelos oito anos do chamado de bispo de Snider. No início da década de 70, irmão Brown foi chamado como bispo e disse: "Se pudemos ser companheiros quando você era bispo, podemos ser companheiros agora que o bispo sou eu." Irmão Brown também serviu como bispo por oito anos e foi desobrigado há um ano. Ambos são aposentados agora. Eles e sua esposa estão constantemente juntos. "Nós não poderíamos considerar a troca de companheiros para visitas familiares agora. Não saberíamos o que fazer," disseram. Em praticamente uma vida inteira compartilhando uma designação na Igreja, há apenas uma coisa em que eles não podem concordar. "Nós ainda estamos discutindo quem é o companheiro sênior e quem é o júnior."

"E, estando Jesus assentado defronte da arca do tesouro, observava a maneira como a multidão lançava o dinheiro na arca do tesouro; e muitos ricos deitavam muito.
Vindo, porém, uma pobre viúva, deitou duas pequenas moedas...
E, chamando os seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deitou mais do que todos os que deitaram na arca do tesouro;
Porque todos ali deitaram do que lhes sobejava, mas esta, da sua pobreza, deitou tudo o que tinha, todo o seu sustento."

Marcos 12:41-44